

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS  
CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM DESENVOLVIMENTO RURAL -  
PLAGEDER**

**Hugo Werle**

**O RURAL DE NOVA PETRÓPOLIS, RS: O PROCESSO DE  
FORMAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO.**

**Nova Petrópolis  
2013**

**Hugo Werle**

**O RURAL DE NOVA PETRÓPOLIS, RS: O PROCESSO DE  
FORMAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO.**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação Tecnológica em Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Desenvolvimento Rural.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Marlise Amélia R. Dal Forno  
Coorientadora: Tutora Dr<sup>a</sup> Márcia dos Santos Ramos Berreta

**Nova Petrópolis  
2013**

*Dedico este trabalho para a Elizandra, esposa e para nossas filhas Stéfani e Heloisa por sermos tão diferentes um do outro, mas na essência tão iguais.*

## AGRADECIMENTOS/BEDANKUNG

Agradeço/Danke.

- Ao sistema de ensino público brasileiro que me oportunizou acesso a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, por ter ampliado o campo de atuação e ao Polo Universitário de Picada Café pelo espaço que disponibilizou.

*- Dem öffentlichen Schullsystem Brasiliens, das mir die Möglichkeit des Zugangs zu der Universität Federal do Rio Grande do Sul gegeben hat, und die Erweiterung zu der Polo Universität der Picada Café in der wir die Räume benutzen konnten, ermöglichter.*

- Aos coordenadores, professores, tutores e a equipe de apoio pelo empenho dedicado em fazer do ensino universitário a distância um instrumento de qualidade para transmitir informações, gerar debate nos longínquos e muitas vezes esquecidos rincões deste Rio Grande do Sul.

*- An die Koordinatoren, Lehrer, Lehrerinnen, Tutoren und an das Unterstützungsteam, sie alle halfen mir durch ihre Bereitschaft, aus dem Uni Fernstudium ein Qualitätswerkzeug für den Informationsaustausch sowie Debatten, selbst in den weit entlegenen und oftmals vergessenen Gegenden des Bundesstaates Rio Grande do Sul, zu ermöglichen.*

- Aos Agricultores dos municípios de Nova Petrópolis e Picada Café que muito contribuíram com as repostas aos questionamentos realizados durante o transcorrer do curso, agregando realidade local e prática a teoria, em especial aos quatro agricultores que denominei de ex-urbanos, atores nesse trabalho.

*- An alle die Landwirte in der Gegend von Nova Petrópolis und Picada Café, die mit der Beantwortung meiner Erhebungen während der Studienjahre die lokale Wirklichkeit in Theorie und Praxis verbinden halfen. In besonderen Danke ich den vier Landwirten, die von mir in dieser Diplomarbeit als "ehemalige Städter" benannt werden und als Aktoren in diese Diplomarbeit dargestellt werden .*

- A Cabanha Montes Altos e a Cooperativa Agropecuária Petrópolis Ltda. por permitirem realizar o estágio curricular em suas dependências.

*- An die Cabanha Montes Altos und die Cooperative Agropecuaria Petrópolis Ltda., die mir ein Curriculum Praktikum in ihrem Unternehmen ermöglichten.*

- Aos amigos e parceiros de muitas jornadas Luiz Fernando Heylmann e Décio Wanderlei Heylmann, pelo apoio e companheirismo.

- *An die Freunde und Partner, mit denen ich viele Wege ging, Luiz Fernando Heylmann und Décio Wanderlei Heylmann. Ihnen Danke ich für die guter Kameradschaft und erhaltene Unterstützung.*

- *Aos nobres colegas de curso pelo envolvimento e pelas relações que se criaram mesmo o curso sendo a distancia, todos se fazem presente na memória.*

- *An meine geehrten Studienkollegen für die Gemeinschaft und die Guten Beziehungen die einstanden sind, trotz des Fernstudios. Sie alle sind in meinen Erinnerungen präsent.*

- *Ao Tio Paulo Werle e ao Tio João Werle e em nome deles a todos os tios, tias, primos, e primas da Grande Família Werle pelas churrascadas regadas com muito chopp, que geram excelentes debates que contribuíram em muito para abrir o horizonte.*

- *An Onkel Paulo Werle und Onkel Joao Werle, und in ihrem Namen an alle meine Tanten und Onkel, Kusinen und Kusins der grossen Werle Familie. Besonders Danke ich für die Feste mit Churrasco und mit viel Chopp, bei denen exzellente Debatten entstanden sind, und die Erweiterung meines Horizontes unterstützten.*

- *A Rita Werle e Vera Inês Werle pelo apoio e orientação: Muito obrigado Manas! Em especial agradeço a Tia Anna Werle, ou Tia Vó Anna, assim denominada carinhosamente pela Stéfani e Heloisa, principalmente pelo apoio e zelo para com as meninas durante as aulas presenciais: Muito obrigado!*

- *An Rita Werle und Vera Ines Werle für ihre Unterstützung und Orientierung. Vielen Dank Schwestern! Speziellen Dank an Tante Anna, oder Urtante Anna, so liebevoll genannt von meinen Töchtern, Stefani und Heloisa. Ich Danke hauptsächlich für die Unterstützung und Behütung meine Töchter während meiner Vorlesungen. Vielen Dank!*

- *Um muito especial agradecimento para Elizandra, Stéfani e Heloisa pela paciência, por suportarem ver minhas brigas com o computador, a internet, com as normas da ABNT: Muito obrigado Meus Amores!*

- *Ein sehr spezielles Dankeschoen geht an Elizandra meine Frau, Stefani und Heloisa, für ihre Geduld, die sie aufbrachten bei dem Miterleben meiner Kämpfe mit dem Computer, dem Internet und mit den ABNT Normen. Vielen Dank meine Lieben.*

*Muito obrigado a todos!!!!Viele Dank an alle!!!!*

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Localização geográfica do Município de Nova Petrópolis no Estado do Rio Grande do Sul.....	16
Figura 2 - Localização geográfica dos municípios de Picada Café, Dois Irmãos e Nova Petrópolis no Estado do Rio Grande do Sul. ....	18
Figura 3 - Mapa da distribuição dos lotes na Colônia de Nova Petrópolis, RS.....	43
Figura 4 - Gráfico da evolução demográfica do Município de Nova Petrópolis, segundo Censo do IBGE de 1940,1950 e 1960 .....	53
Figura 5 - Gráfico da distribuição geográfica da população do município de Nova Petrópolis .....	54
Figura 6 - Gráfico do VAB de Nova Petrópolis .....	58
Figura 7 - Gráfico do PIB dos municípios de Nova Petrópolis, Dois Irmãos e Picada Café, ano de 2008 .....	68
Figura 8 – Gráfico do VAB dos municípios de Nova Petrópolis, Dois Irmãos e Picada Café, ano de 2008.....	68

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1- A diversidade de atividades na Colônia. ....	23
Tabela 2 - Produção agrícola por tonelada em Nova Petrópolis, no ano de 1957.....	35
Tabela 3 - Plantel da pecuária em Nova Petrópolis no ano de1957 .....	36
Tabela 4 - Produção agrícola de Nova Petrópolis no ano de 1983.....	39
Tabela 5- Plantel da pecuária em Nova Petrópolis no ano de1983 .....	39
Tabela 6 - Produção agrícola de Nova Petrópolis do ano de 2006 e 2010 .....	55

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 - Identificação das propriedades conforme a principal atividade econômica exercida .....	62
---	----

## RESUMO

Este trabalho é resultado da pesquisa bibliográfica e de campo sobre o rural de Nova Petrópolis. A pesquisa bibliográfica abrange o período de 1824, isto é, desde a chegada dos primeiros imigrantes de origem germânica ao Rio Grande do Sul até 2010. Com pesquisa bibliográfica buscou-se identificar as motivações que levaram parcela da população de Nova Petrópolis a sair do rural. Contextualiza o rural de Nova Petrópolis tendo como principal fonte os dados disponibilizados pelo IBGE/CENSO Agropecuário 2006. Apresenta informação obtida por meio de entrevistas com proprietários rurais que exercem a atividade agrícola em Nova Petrópolis. Apresenta informações obtidas por meio de entrevistas com ex-secretários da agricultura de Nova Petrópolis, Picada Café e Dois Irmãos. Na conclusão evidencia alguns aspectos da pesquisa e sugere alternativas para o desenvolvimento rural em Nova Petrópolis.

**Palavras-chave: Nova Petrópolis. Rural. Agricultura Familiar**

## ZUSAMMENFASSUNG

Diese Diplomarbeit ist das Ergebnis biografischer Untersuchungen sowie Feldforschungen der Agrarwirtschaft in der Region Nova Petrópolis. Die biografische Forschung bezieht sich auf den Zeitraum zwischen 1824 und 2010, dieses bedeutet, sie beginnt mit den ersten Einwanderungen aus Deutschland. Die biografische Forschung beschäftigt sich mit den Ursachen der Wanderung der bäuerliche Bevölkerung vom Land in die Städte. Die Hauptquelle der Daten für die Analyse der Agrarwirtschaft in der Region Nova Petrópolis, stammen aus IBGE/ Censo Agropecuária Zählung von 2006. Präsentiert werden auch Informationen aus Interviews mit aktiven Landwirten, die weiterhin ihre Bauernhöfe in Region Nova Petrópolis betreiben. Ferner werden auch Ergebnisse von Interviews mit den Ex-Secretarios der Landwirtschaft der Städte Nova Petrópolis, Picada Café und Dois Irmãos präsentiert. Abschließend werden einige Aspekte der Forschung dargestellt sowie alternative Vorschläge für die Weiterentwicklung der Agrarwirtschaft in der Region Nova Petrópolis definiert.

**Schlüsselwörter: Nova Petrópolis. Ländlichen. Landwirtschaft**

## LISTA DE ABREVIATURAS

ACINP	Associação Comercial e Industrial de Nova Petrópolis.
FAMURS	Federação das Associações dos Municípios do Rio Grande do Sul.
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
MDA	Ministério do Desenvolvimento Agrário.
PLAGEDER	Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural
PRONAF	Programa Nacional de Valorização da Agricultura Familiar.
UPA	Unidade de produção Agrícola.
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.
RS	Rio Grande do Sul.
EMATER	Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural.
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária.
PIB	Produto Interno Bruto.
VAB	Valor Agregado Bruto.
GTZ	Deutsche Gesellschaft für Technische Zusammenarbeit.
USA	Estados Unidos da América.
ASCAR	Associação Sulina de Crédito e Assistência Rural.
CETANP	Centro de Treinamento de Agricultores Nova Petrópolis.
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso.
Pe.	Padre
P.	Página
Ha	Hectare
Ton.	Toneladas
Km	Quilômetros

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>2 METODOLOGIA.....</b>	<b>16</b>
<b>3 REFERENCIAL TEÓRICO-CONCEITUAL.....</b>	<b>20</b>
3.1 FORMAÇÃO DA PROPRIEDADE FAMILIAR.....	21
3.2 ÊXODO RURAL.....	25
3.3 NOVO RURAL .....	27
<b>4 A CONSTRUÇÃO DO RURAL DE NOVA PETRÓPOLIS .....</b>	<b>29</b>
4.1 UM CONVITE DO GOVERNO IMPERIAL BRASILEIRO AOS IMIGRANTES EUROPEUS .....	29
4.2 FORMAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DO RURAL DE NOVA PETRÓPOLIS .....	31
<b>5 O ESVAZIAMENTO POPULACIONAL DO RURAL EM NOVA PETRÓPOLIS ...</b>	<b>41</b>
5.1 CRESCIMENTO NATURAL DA FAMÍLIA .....	41
5.2 TAMANHO DA PROPRIEDADE .....	42
5.3 DIVERSIDADE DE PROFISSÕES.....	44
5.4 ISOLAMENTO E ABANDONO .....	46
5.5 CONHECIMENTO, A TÉCNICA AGRÍCOLA EMPREGADA .....	47
5.6 PREÇOS DOS PRODUTOS AGRÍCOLAS E A DIFICULDADE DE COMERCIALIZAÇÃO. ....	48
5.7 INFRAESTRUTURA.....	50
5.8 APOIO DO ESTADO A PEQUENA PROPRIEDADE DA AGRICULTURA FAMILIAR.....	50
<b>6 O RURAL ATUAL DE NOVA PETRÓPOLIS.....</b>	<b>52</b>
6.1 CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA DO RURAL .....	52
6.2 OS PRODUTORES DO NOVO RURAL.....	59
6.3 A CONJUNTURA POLÍTICA E ECONÔMICA DO PODER MUNICIPAL.....	66
<b>7 CONCLUSÃO.....</b>	<b>73</b>
<b>REFERENCIA BIBLIOGRAFICA .....</b>	<b>76</b>

<b>APÊNDICES</b> .....	<b>78</b>
------------------------	-----------

## 1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como objeto de estudo o rural do Município de Nova Petrópolis, que fica localizado na Encosta do Planalto Nordeste do Rio Grande do Sul (RS), a cerca de 90 km de Porto Alegre, capital do Estado. Esse Município faz limite com Caxias do Sul, Gramado, Santa Maria do Herval, Picada Café, Linha Nova, Feliz e Vale Real.

O objetivo principal é compreender como ocorrem os movimentos sociais, saída e retorno ao rural no Município e estabelecer sua relação com o desenvolvimento rural de Nova Petrópolis. Para isso, será inicialmente descrito brevemente o histórico da construção do rural em Nova Petrópolis e, em seguida identificado as causas e motivações que levaram a saída e ao retorno do rural de Nova Petrópolis.

Conhecer como se formou o rural de Nova Petrópolis no passado pode ser base para compreender o que está acontecendo no presente e servir de ferramenta para planejar/projetar o futuro. Assim, a realização desse estudo se justifica pela importância de entender o processo de construção do rural de Nova Petrópolis, por levantar as questões que envolvem a migração, pequena propriedade, agricultura familiar, pluriatividade e as possibilidades de desenvolvimento da atividade rural dentro deste contexto.

Fundada em 1858, a Colônia de Nova Petrópolis foi povoada por imigrantes de origem germânica que utilizaram da técnica agrícola de derrubada e queimada para construir um território rural, baseado numa agricultura de subsistência na pequena propriedade. Esses primeiros anos de colonização foram denominados por Roche (1969) de Fase de Implantação e Adaptação da Colônia (1858-1880), onde ocorreu a distribuição das terras, do arroteamento dos primeiros campos e das experiências agrícolas.

A segunda fase da colônia foi de Expansão (1880-1910), caracterizada pela ampliação da área desbravada e cultivada e com o aumento do número de plantas cultivadas, o que, conseqüentemente, fez a produção agrícola aumentar. A fertilidade do solo aliada com necessidade de mão de obra gerou aumento demográfico, pois o número médio de filhos por família era de dez na colônia alemã no RS nesse período. A quantidade acentuada de sucessores gerou a divisão do lote, além de desencadear um novo processo de migração, saída da propriedade, principalmente por parcela da população jovem. Cria-se, naquele período, a necessidade de abrir nova fronteira agrícola.

Na terceira Fase, a da Seleção (1910-1940), são cultivadas variedades já adaptadas e selecionadas, favorecendo o apogeu da produção agrícola na Colônia.

Na Fase de Declínio (1940-1970), quarta e última, ocorreu uma regressão das atividades agrícolas e a necessidade de alterar as culturas. A produtividade por hectare cai vertiginosamente por causa do esgotamento do solo. O declínio agrícola da colônia a partir dos anos de 1940 passa a impor de forma mais intensa o êxodo rural, levando parcela de colonos a buscar sobrevivência nos núcleos urbanos.

Essas quatro fases ficaram bem caracterizadas nas colônias alemãs no Rio Grande do Sul e estão baseadas na formatação da colônia, técnica agrícola, tamanho da propriedade rural e infraestrutura.

Para Rangel (2004) as transformações que estão ocorrendo na área rural do Brasil após Revolução Verde, isto é, a partir da década de 1980 nos municípios situados próximo a centros urbanos, podem caracterizar um Novo Rural.

No início da década de 1970 a Revolução Verde traz ao rural de Nova Petrópolis uma nova perspectiva de produção, conjuntamente ocorre o início das atividades da Cooperativa Petrópolis Ltda., agroindústria responsável pelo processo de industrialização do leite. Mas o êxodo rural em Nova Petrópolis, acentuado desde a década de 1940, continua, isto é, o pacote tecnológico da Revolução Verde traz incremento da produção na década de 1980, porém não diminui o êxodo rural, pelo contrario o amplia.

Como descendente de imigrante germânico, filho de operário pluriativo que emigrou para a Capital do Estado, Porto Alegre, com dezenove anos na década de 1980, a fim de formação universitária na tentativa de conquistar uma condição de vida melhor. Após muitos caminhos percorridos foi o Curso de Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural que me fez retornar a cidade natal. O curso somado com minha vivência oportunizou a construir outra visão sobre a conjuntura que viveu a população rural no Brasil. Buscar a história do rural de Nova Petrópolis foi resgatar um pouco da história de meus antepassados consequentemente minha história.

Nesse trabalho foi utilizado como método de investigação à abordagem qualitativa, e como procedimento metodológico emprega a pesquisa bibliográfica e de campo. Como referencial teórico conceitual utiliza literatura de autores familiarizados com o tema; formação da propriedade familiar, êxodo rural e novo rural, tais como Roche (1969), Gehlen e Mocelin (2009), Paz (1998), Schneider (2009) e Rangel (2004).

No Capítulo 3, sobre a construção do rural de Nova Petrópolis, apresenta-se o início do processo de colonização 1858, um século depois 1958, e em 1983 após a entrada do pacote

tecnológico conhecido como Revolução Verde. Resgata as transformações que ocorreram no rural de Nova Petrópolis de 1858 até 2010.

No Capítulo 4, referente ao esvaziamento populacional do rural em Nova Petrópolis, identificam-se as causas e motivações que levaram as pessoas a sair do rural. E no Capítulo 5 procurou-se caracterizar a atual situação do rural, conforme dados do IBGE, FAMURS e ACINP. Também apresenta a síntese das respostas obtidas através de entrevista a um grupo de agricultores, identificados com o novo rural, e de ex-secretários da agricultura de Nova Petrópolis, Picada Café e Dois Irmãos sobre a atividade no rural em seus respectivos municípios.

A Conclusão, último capítulo, traz o resgate dos objetivos da pesquisa com vistas a projetar ações que podem auxiliar no desenvolvimento de um novo rural em Nova Petrópolis.

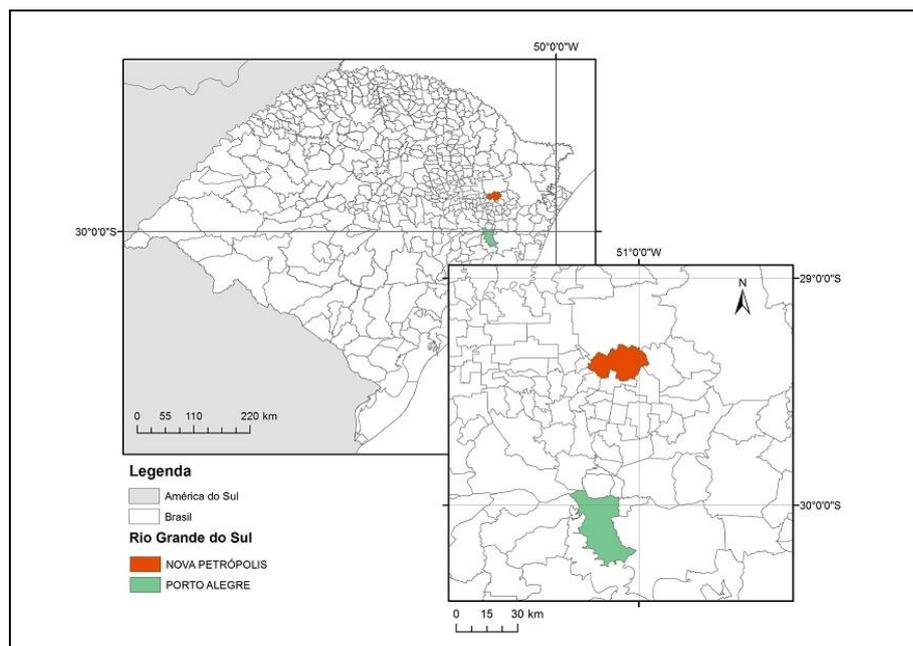
## 2 METODOLOGIA

Esta pesquisa utiliza como método de investigação a abordagem qualitativa, que tende a salientar os aspectos dinâmicos, holísticos e individuais da experiência humana para apreender a totalidade no contexto daqueles que estão vivenciando o fenômeno (POLIT; BECK; HUNGLER, 2004 apud GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

Os procedimentos metodológicos empregados foram as pesquisas bibliográfica e de campo, onde foi realizado a observação e entrevistas com produtores rurais e ex-Secretários da Agricultura Municipal.

Todo trabalho científico inicia com uma pesquisa bibliográfica. Neste estudo foi realizada a partir do levantamento de referências teóricas em livros e artigos científicos. Sendo o sujeito desta investigação a população que migra e o objeto de investigação o rural do Município de Nova Petrópolis (fig. 1), buscaram-se nestas fontes literárias temas sobre a colonização alemã no Rio Grande do Sul, migração, pequena propriedade, agricultura familiar, pluriatividade e desenvolvimento rural. Como autores podem-se citar Roche (1969), Gehlen e Mocelin (2009), Paz (1998), Schneider (2009) e Rangel (2004).

**Figura 1** – Localização geográfica do Município de Nova Petrópolis no Estado do Rio Grande do Sul



Fonte: Elaborado por Berreta, 2013.

Além desta pesquisa também foi realizada uma coleta de dados secundários por intermédio de uma investigação no site institucional do IBGE. Os dados do Censo Agropecuário do ano de 2006 foram utilizados para caracterizar o rural atual de Nova Petrópolis.

O levantamento realizado a campo denominado de pesquisa de campo (FONSECA 2002 apud GERHARDT; SILVEIRA 2009, p. 37) “caracteriza-se pelas investigações em que, além da pesquisa bibliográfica e/ou documental, se realiza coleta de dados junto a pessoas, com o recurso de diferentes tipos de pesquisa (pesquisa *ex-pos-fato*, pesquisa-ação, pesquisa participante, etc.)”.

Para realizar a pesquisa a campo foram utilizadas informações obtidas sobre o rural de Nova Petrópolis no decorrer do Curso, entre os anos de 2010 a 2012. Essas informações serviram de base para identificar um grupo de produtores diferenciados no rural do Município, que tem em comum o fato de terem residido por um determinado período de sua vida na cidade, portanto são ex-urbanos, assim denominados nessa pesquisa.

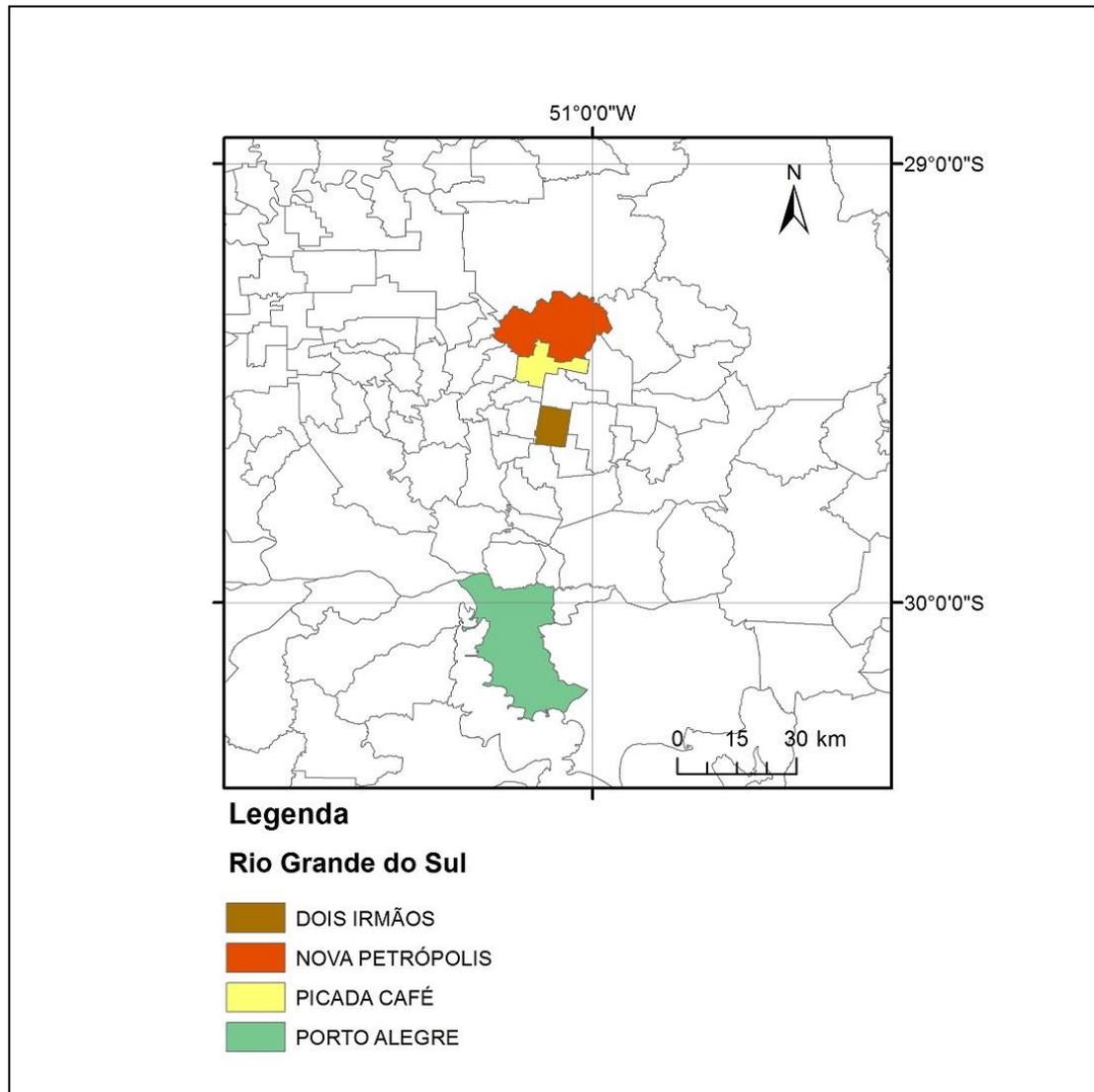
Dentro desse grupo de produtores, também serviu de critério para seleção a localização da sua propriedade, a principal atividade agrícola e a disponibilidade de ser entrevistado. Para isso foram selecionados quatro agricultores, onde foi realizada uma entrevista semiestruturada com perguntas feitas a partir de um roteiro com questões abertas e fechadas (Apêndice A) durante os meses de abril e maio de 2013.

O objetivo da entrevista com o agricultor ex-urbano foi obter informações para traçar um perfil desse produtor rural, apontar as motivações que o levaram a sair e retornar ao rural, sucessão familiar e caracterizar a propriedade e seu entorno. O tempo médio utilizado pelo entrevistador para realizar cada entrevista foi de 1h45min.

Em seguida, com o propósito de obter informações das condições em que se encontra o produtor rural nos municípios de Nova Petrópolis, Picada Café e Dois Irmãos (fig. 2) foram realizados entrevista também com os ex-secretários da agricultura, que atuaram no mandato 2009/2012. Durante a entrevista (Apêndice B) os temas tratados foram migração, sucessão familiar, infraestrutura e do desenvolvimento rural do município. Estas entrevistas foram realizadas nos meses de abril e maio de 2013 e o tempo de duração média por entrevista foi de duas horas.

A opção por entrevistar os ex-secretários e não o atual Secretário da Agricultura está diretamente ligado ao período (janeiro/2013) que o atual assumiu o cargo.

**Figura 2** - Localização geográfica dos municípios de Picada Café, Dois Irmãos e Nova Petrópolis no Estado do Rio Grande do Sul.



Fonte: Elaborado por Berreta, 2013.

Já a escolha por estes municípios ocorre devido à relação histórica entre os municípios de Nova Petrópolis, Picada Café e Dois Irmãos. Todos estes faziam parte do território do atual Município de São Leopoldo, onde iniciou a colonização alemã no Rio Grande do Sul.

Após todas as entrevistas realizadas, agricultores e ex-Secretários, os dados obtidos foram analisados e sistematizados. Essa sistematização recebeu o aporte das informações quantitativas dos dados censitários do IBGE.

Na construção das considerações finais, com base nas informações obtidas, buscou-se fazer uma pequena análise para servir de base com o objetivo de criar perspectivas para a atividade rural no Município de Nova Petrópolis.

### 3 REFERENCIAL TEÓRICO-CONCEITUAL

Inicialmente para se entender a formação do rural de Nova Petrópolis é necessário resgatar e compreender as motivações que fizeram o imigrante da Europa, de origem germânica, a optar por migrar para o Brasil. Entre estas motivações está a perspectiva de mudança que o imigrante passa a ter em relação à posição social.

Na Europa, nos meados do século XIX, o povo rural vivia numa posição de servo de um feudo. O Brasil oferecia a condição de ser proprietário de terra. Essa oferta abriu ao imigrante a oportunidade de não somente adquirir uma propriedade, mas também a passar para outra condição social.

Segundo Gehlen e Mocelin (2009, p. 18) “é sua posição na divisão social do trabalho como proprietário ou não dos meios de produção que determina sua classe social”. Então, vir para o Brasil e conquistar uma fração de terra significava para este imigrante a oportunidade de mudança de classe social, passar da condição de servo para a condição de proprietário.

Pode-se considerar a imigração germânica para o Brasil como sendo um movimento social, onde o Estado é o indutor que coloca o imigrante na perspectiva de mudança social, o acesso à propriedade rural. Desta forma, o imigrante de origem germânica chega ao Brasil motivado para construir uma nova relação social. Gehlen e Mocelin (2009, p. 58) relacionam os movimentos sociais com o ato de migrar:

Os movimentos sociais são processos e/ou fenômenos sociais, políticos, culturais e históricos. Podemos entender movimento social como uma expressão sociopolítica, que se refere empiricamente à ação coletiva de atores sociais que visam obter respostas para suas demandas, com vistas a mudanças ou à preservação de determinadas condições e/ou relações sociais.

Quando aqui chegaram, os imigrantes foram assentados sobre terras devolutas, diferenciando o processo de colonização no Rio Grande do Sul ao do resto do Brasil. Essas terras localizam-se na Encosta da Serra (Nova Petrópolis) e no Planalto do RS, cobertas pela Mata Atlântica, e foram divididas em lotes cujo tamanho variava de 77 hectares até 25 hectares. Deveriam ser utilizadas exclusivamente para a atividade agrícola (ROCHE, 1969).

Miguel (2009) define a agricultura como uma atividade social de produção de bens obtidos pela exploração da fertilidade útil de um meio. Foi nessa concepção de agricultura que o imigrante construiu sua sobrevivência, na forma em que conhecemos hoje como pequena propriedade de agricultura familiar.

### 3.1 FORMAÇÃO DA PROPRIEDADE FAMILIAR

A pequena propriedade de agricultura familiar no Rio Grande do Sul surge com o processo de colonização realizada no período de 1824 até 1914 no Estado pelo Governo Imperial, Governo Provincial e por empresas particulares.

Segundo Roche (1969), para compreender melhor a história da colonização alemã no País faz-se necessário entender a própria história de cada colônia, pois o seu povoamento ocorreu em tempos distintos, iniciando-se em 1824 no Município de São Leopoldo e a finalizando-se o processo no Estado em 1914.

Para a melhor compreensão do processo de colonização alemã e a formação da propriedade familiar no RS, Roche (1969) dividiu-o em quatro fases, descritas a seguir:

1ª Fase de Adaptação: neste período ocorreu a distribuição das terras, do arroteamento dos primeiros campos, das experiências agrícolas;

2ª Fase de Expansão: crescimento da área desbravada e cultivada, aumento do número de plantas cultivadas e a produção aumenta regularmente;

3ª Fase de Seleção: são cultivadas variedades já adaptadas e selecionadas, apogeu da Colônia; e

4ª Fase de Declínio/Regressão: necessidade de alterar as culturas, produtividade por hectare cai por causa do esgotamento do solo. Declínio agrícola da Colônia.

O ciclo completo, descrito pelo autor na Colônia de São Leopoldo, durou aproximadamente cento e vinte anos, variando o tempo de longevidade de colônia para colônia, conforme os seguintes fatores:

a) A redução do tamanho do lote, que no início da colonização era de 77 hectares e no final passou a ser de 25 hectares;

b) O acesso aos meios de escoamento da produção, isto é, quanto melhor os meios de escoamento da produção mais rapidamente a terra era esgotada e menor era o ciclo da colônia;

e

c) A procedência do colono, ou seja, nas últimas colônias implantadas no Estado a ocupação já ocorreu por descendentes de imigrantes alemães, que diminuiram o tempo de adaptação que era em média de quinze anos passando a ser de quatro a seis anos.

Outro aspecto relacionado à agricultura familiar é a pluriatividade, que está intimamente ligada ao processo de colonização ocorrida no Estado. Segundo Roche (1969) no período de 1846 até 1873 o Governo Provincial do Rio Grande do Sul impôs ao imigrante que a única atividade que poderia ser realizada no assentamento, na colônia, era a atividade agrícola. Mas, conforme esse autor, em 1828, por necessidade, o colono foi obrigado a produzir a maior parte dos artigos de uso:

A simples sobrevivência biológica só foi possível graças ao trabalho de toda a família, a regressão técnica, motivada pela adaptação ao novo meio, dispensava os serviços do mais rudimentar artesanato. Cada família fiava e tecia o linho e o algodão, fabricava a farinha de arroz e de mandioca, o óleo de sementes de abóbora, o açúcar mascavo, preparava seu fumo; a louça fora substituída por cabaças, não se possuíam os meios para construir uma casa: a serra, o machado, a foice e o enxadão bastavam para o arroteamento ou para a construção das primeiras choupanas, nem pedreiros, nem ferreiros (ROCHE, 1969, p. 480).

Portanto, criou-se a demanda na colônia pela produção artesanal a qual se dividiu em dois tipos de artesanatos: o fornecimento dos artigos necessários à vida local e a transformação dos produtos agrícolas para torna-los exportáveis. Dessa forma, a pluriatividade continua parcialmente dentro da propriedade rural, onde ocorre uma especialização.

Para ilustrar esse acontecimento, pode-se citar o que ocorreu em 1860 nas colônias oficiais de Santa Cruz, Santo Ângelo e Nova Petrópolis. Juntas, elas tinham 3.815 pessoas que residiam em 884 estabelecimentos agrícolas. Desse grupo, 1.081 adultos eram considerados propriamente agricultores, mas já existiam seis moinhos, 13 ferrarias e 12 lojas (ROCHE, 1969).

Na Tabela 1 apresentam-se os outros ofícios daqueles 1.081 adultos que moravam nas colônias oficiais de Santa Cruz, Santo Ângelo e Nova Petrópolis, em 1860.

**Tabela 1-** A Diversidade de Atividades na Colônia.

<b>Ofício</b>	<b>Nº de pessoas</b>
Agricultor	1.081
Comerciante	12
Areiro	19
Carroceiro	7
Moageiro	9
Curtidor	2
Correeiro	2
Ferreiro	16
Carpinteiro	51
Tanoeiro	20
Pedreiro	38
Sapateiro	49
Alfaiate	29
Fabricantes de charutos.	2

Fonte: Organizado por Hugo Werle, 2013 (ROCHE, 1969).

Portanto, conforme se observa na tabela acima, todos eram denominados de agricultores, mas uma parcela de 24% também exercia outra atividade além da agrícola.

A Revolução Industrial na Europa, somada à ligação por navios a vapor com Porto Alegre e a abertura de vias de comunicação (estradas) para as colônias, reduziu a produção artesanal em 1920. Roche (1969, p. 479) relata que:

Pretender a evidência da filiação entre o artesanato e a indústria, é, por isso, recorrer a um postulado. Nem todas as oficinas se transformaram em fábricas, como também nem todas as fábricas tiveram origem nas primitivas oficinas. Muito longe disso. Por outro lado, houve, nessa evolução, tais crises que não podemos aceitar a imagem de um desenvolvimento natural e regular.

O processo de industrialização, entre 1890 a 1960, no RS não foi linear, onde as oficinas se tornaram fábricas e as ferramentas substituídas por máquinas. Geralmente ele ocorreu nos centros urbanos, como Porto Alegre, Pelotas, Rio Grande e São Leopoldo, motivado pela presença de mão de obra e consumidores, mas também pela existência de portos nessas cidades, principal via de comunicação com o mundo (ROCHE, 1969).

A partir da década de 1970 ocorre a interiorização das indústrias na busca por mão de obra barata, principalmente as voltadas à produção de calçados para exportação no Vale do

Rio dos Sinos e na Encosta da Serra do Nordeste do RS (Nova Petrópolis). Assim, oportunizou ao agricultor e a seus filhos o emprego na indústria sem a necessidade de migrar para a cidade, recriando a pluriatividade familiar, agora industrial (PAZ, 2006).

A partir dos anos de 1990 a pluriatividade é aceita como condição imperativa do desenvolvimento rural. Isso ocorre porque as famílias pluriativas passam a se sobressair, enquanto agentes capazes de frear a saída brusca da população das áreas rurais, dando um novo sentido ao processo de produção rural (SCHNEIDER, 2009 p. 140 apud MATTEI, 2005). Sendo que para Schneider (2009, p. 141) isso ocorre porque:

A pluriatividade resulta da interação entre as decisões individuais e familiares com o contexto social e econômico em que estas estão inseridas. Objetivamente, a pluriatividade refere-se a um fenômeno que pressupõe a combinação de duas ou mais atividades, sendo uma delas a agricultura.

A dimensão da pluriatividade familiar no rural de Nova Petrópolis fica evidenciada na pesquisa realizada por Marini (2010) numa escola da localidade rural de Linha Brasil, interior do Município, com quatro turmas de alunos da sétima e oitava serie. Em resposta a pergunta para os alunos sobre o trabalho do pai, Marini (2010) apresenta; 21% trabalhavam na agricultura e o restante trabalhava em outra atividade com destaque para; 31% construção civil, 16% indústria, 7% comercio, 4% caminhoneiros. Em resposta a pergunta sobre o trabalho da mãe, Marini (2010) apresenta; 11% trabalhavam na agricultura e o restante trabalhava em outra atividade com destaque para; 20% no comercio, 16% indústria, 7% professores (educação) e 5% pousada/hotel. Podemos identificar esta pluriatividade familiar como sendo uma manifestação do Novo Rural em Nova Petrópolis.

Beirando-se quase dois séculos da formação da pequena propriedade familiar no Estado, o Governo federal é a entidade que regulariza as relações no meio rural por intermédio de legislação específica. A Lei Federal nº 11.326 de julho de 2006 foi criada a fim de estabelecer as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar. Essa legislação define, entre outras coisas, quem é o agricultor familiar dos dias atuais:

Aquele que prática atividade no meio rural, atendendo, simultaneamente, aos requisitos de não deter, a qualquer título, área maior do que quatro módulos fiscais; utilizar predominantemente mão de obra da própria família nas atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento; ter renda familiar predominantemente; originada de atividades econômicas vinculadas ao próprio estabelecimento ou empreendimento; e dirigir seu

empreendimento ou estabelecimento com sua família (BRASIL, LEI 11.326/06).

Em relação ao tamanho da propriedade, o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) determina que o módulo fiscal seja definido pelos municípios, assim, para Nova Petrópolis, Picada Café e Dois Irmãos é de 18 hectares. Portanto, para se enquadrar como agricultura familiar a propriedade pode ter no máximo 72 hectares, praticamente o tamanho do maior lote utilizado no início do processo de colonização alemã no Rio Grande do Sul, em 1824.

### 3.2 ÊXODO RURAL

O êxodo rural é o movimento migratório da população rural para os centros urbanos. No Brasil a parcela da população rural foi deslocada para as periferias das cidades pela mudança na relação de trabalho entre o proprietário e seus subordinados nas fazendas, quando da ruptura do modelo denominada por Rangel (2000) como Complexo Rural. Para Rangel (2000, p. 172) isso ocorreu porque:

As relações de trabalho implícitas são incompatíveis com o salariedade, donde a expulsão da mão de obra para fora das fazendas capitalistas. O empresário capitalista, muito razoavelmente, decide que as reservas de mão de obra estejam suficientemente próximas de sua fazenda para poderem ser utilizadas quando necessárias, mas suficientemente fora da fazenda para que não se criem relações pessoais incompatíveis com o salariedade.

Nos assentamentos de imigrantes europeus (colônias), em seus lotes no Rio Grande do Sul, não ocorreu à ruptura abrupta por mudança nas relações de trabalho. No entanto, como a subdivisão do lote já não permitia a sobrevivência de toda a família, havia duas opções: migrar do rural para o rural, conseqüentemente abrir novas fronteiras agrícolas, ou se alojar na periferia dos centros urbanos. Essa dualidade só diminuiu com a interiorização industrial ocorrida a partir da década de 1970 em algumas localidades, entre elas, Nova Petrópolis.

Mas essa interiorização industrial abre espaço para a disputa por mão de obra entre a agroindústria, que parcialmente explora a força de trabalho diretamente no processo de industrialização, mas que também necessita da continuidade da produção agrícola de onde advém sua matéria prima.

Outro aspecto a se considerar como causa do movimento migratório rural-urbano foi a Revolução Verde, devido a novas tecnologias que levou a modernização na atividade agrícola. Pode-se apontar como pacote tecnológico a introdução das novas sementes, e seus respectivos fertilizantes, herbicidas, pesticidas, os créditos financeiros disponibilizados pelos bancos, a construção das obras de infraestrutura, os serviços de extensão e treinamento no campo, além da intervenção nos mercados.

Esse processo de modernização implicou em um aumento significativo de escala de produção e redução no uso da força de trabalho agrícola e que trouxe como consequência o processo de mercantilização da agricultura (SCHNEIDER, 2006).

Os efeitos da Revolução Verde no Brasil, segundo Conterato (2009), foram o aumento da mecanização nas atividades primárias e da utilização de fertilizantes químicos, o repasse aos agricultores através da assistência técnica de empresas como Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) e Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER/ASCAR) de modernas técnicas agrícolas. Entre os problemas gerados pela má utilização dessas modernas técnicas, o autor destaca a degradação ambiental com o esgotamento da fertilidade natural do solo e a poluição de mananciais superficiais e subterrâneos de água.

Essa cientificação da agricultura para Schneider (2009, p. 87) caracteriza-se como:

É o estágio em que as forças produtivas da agricultura usam da ciência para produzir e reproduzir as condições objetivas de existência humana e a materialidade do processo produtivo agrícola. A cientificação da agricultura se desenvolve através da internalização das técnicas modernas de cultivo e manejo, no uso de máquinas e equipamentos, no plantio de sementes melhoradas, na fertilização e correção das propriedades químicas e físicas dos solos, no uso de agrotóxicos agrícolas etc.

O acesso às técnicas de cultivo e manejo modernas, ao uso de máquinas e equipamentos e a quimificação requer do agricultor um investimento com relação à informação sobre o uso e aplicação destas novas técnicas e equipamentos, bem como a necessidade de recurso financeiro para aquisição das mesmas.

Na mercantilização o produtor rural é induzido via pacote tecnológico a realizar a tarefa de depositar a semente na terra, na qual ele já aplicou uma solução com agrotóxicos, por meio de máquinas e equipamentos, conjuntamente com um composto químico

denominada de adubo, que ele adquiriu no mercado, geralmente por intermédio de empresas intermediárias, cooperativas ou agropecuárias. Cabe destacar que em cada fase do desenvolvimento da cultura aplica-se determinada composição química, adubo ou agrotóxico. A colheita é realizada através de máquinas e o resultado é transferido para os silos das agroindústrias. Tudo graças aos recursos financeiros disponibilizados pela rede de bancos com o aval do governo. Em resumo, o pacote está pronto, cabe ao produtor rural aplicá-lo e, desta forma, passará a ser um prestador de serviço dentro de uma cadeia produtiva.

Portanto, as transformações decorrentes da revolução verde promoveram uma redução acentuada da força de trabalho agrícola, conseqüentemente esta sobra de mão de obra rural foi obrigada a se deslocar na busca de novos meios de garantir a sobrevivência, a alternativa para a maior parte da população (mão de obra) que sobrou no campo foi se deslocar para a periferia dos centros urbanos, caracterizando o êxodo rural.

### 3.3 NOVO RURAL

Rangel (2004) entende que no Brasil o rural de hoje só pode ser entendido como um “continuum” do urbano sob o ponto de vista espacial. Para o autor, as cidades não podem mais ser identificadas apenas com a atividade industrial, nem os campos com a agricultura e a pecuária.

Uma parcela da transformação no meio rural é decorrente do processo de industrialização da agricultura, consolidado pelos complexos agroindustriais. A industrialização da agricultura necessitou de infraestrutura no campo como estradas, energia elétrica, telefonia entre outros. Dessa forma, o rural passa a gerar demanda por um conjunto de serviços antes só disponibilizados no urbano. Conjuntamente, ocorrem transformações nos campos político, econômico e social, onde as dimensões do estilo e qualidade de vida ganham importância dentro do *status* profissional. As inovações nos setores das comunicações e transportes permitiram a globalização minimizando a questão da distância ao centro urbano.

Como consequência, cria-se a oportunidade de conciliar a atividade tipicamente urbana no setor de serviços com a de gerenciamento das atividades agropecuárias, abrindo espaço para novos atores que são atraídos pelas facilidades decorrentes dos novos serviços disponíveis para apoio das atividades agropecuárias.

Com essas transformações não se pode caracterizar a área rural somente como agrária, nem a dinâmica da população rural somente com base no calendário agrícola, pois ocorre um

conjunto de atividades não agrícolas, tais como a prestação de serviços, o comércio e a indústria, que respondem cada vez mais pela dinâmica populacional do meio rural brasileiro.

Portanto, o Novo Rural brasileiro não está resumido nas atividades agropecuárias e agroindustriais. Surgiram novas funções e novos tipos de ocupações, que segundo Rangel (2004) são:

a) Propiciar lazer nos feriados e fins de semana (especialmente as famílias de renda média/baixa que têm transporte próprio), através dos pesque-pague, hotéis-fazenda, chácaras de fim de semana;

b) Dar moradia a um segmento crescente da classe média alta (condomínios rurais fechados nas zonas suburbanas);

c) Desenvolver atividades de preservação e conservação que propiciem o surgimento do ecoturismo, além da criação de parques estaduais e estações ecológicas; e

d) Abrigar um conjunto de profissões tipicamente urbanas que estão se proliferando no meio rural em função da urbanização do trabalho rural assegurado com a igualdade trabalhista obtida na Constituição de 1988 (motoristas de ônibus para transporte de trabalhadores rurais, mecânicos, contadores, secretárias, digitadores, trabalhadores domésticos).

## 4 A CONSTRUÇÃO DO RURAL DE NOVA PETRÓPOLIS

Esse capítulo tem como objetivo conhecer a história da construção do rural de Nova Petrópolis, ocorridos a partir do século XIX com a chegada dos imigrantes germânicos. Propõe-se, também, a identificar as principais transformações que aconteceram nesse lugar, desde a chegada dos imigrantes germânicos até os dias atuais.

### 4.1 UM CONVITE DO GOVERNO IMPERIAL BRASILEIRO AOS IMIGRANTES EUROPEUS

Proclamada a independência do Brasil em 1822, o Imperador D. Pedro I, com o objetivo de assegurar a posse das terras rio grandenses, resolve povoar esse território com homens de índole mais sedentária que o luso-brasileiro, que se deslocava constantemente. Para o Imperador, o imigrante deveria se dedicar a agricultura, desmatamento e cultivando a terra (SCHMITZ, 1975).

Entre as causas da emigração da Alemanha, conforme Deppe (1988) podem-se citar a explosão demográfica, as péssimas condições de vida pré-industrial e as constantes guerras. Schmitz (1975) relata que a situação na Europa após as guerras napoleônicas era tão paupérrima que os próprios governos dos Estados Germânicos estimulavam a emigração.

Por outro lado, foi realizada propaganda para recrutar emigrantes na Alemanha e na Suíça através de folhetos. O convite nos folhetos distribuídos por um encarregado do governo brasileiro, Major Schäfer, oferecia as seguintes promessas ao emigrante para este optar pelo Brasil (SCHMITZ, 1975, p. 41):

- a) Viagem gratuita até o Brasil;
- b) Cidadania brasileira a partir da chegada ao Brasil;
- c) Pagamento das despesas de manutenção por um ano e meio (160 réis cada colono no primeiro ano e a metade no segundo ano);
- d) Terras na extensão de 400 braças quadradas, gratuitas;
- e) Cada família, conforme o número de pessoas, certa quantidade de gado bovino, cavalos, ovino, suíno, etc;

- f) Direito a sementes ou mudas de café, algodão, arroz, trigo, fumo, feijão, batata inglesa, milho, etc;
- g) Liberdade de culto, e, padre ou pastor, sustentado pelo governo; e
- h) Isenção de impostos durante 10 anos.

Encaminhados por diferentes motivações chegaram as primeiras levas de imigrantes alemães no Rio Grande do Sul em São Leopoldo (1824), Três Forquilhas (1826) e São Pedro de Alcântara de Torres (1826), trazidos por iniciativa do Governo Imperial. No entanto não só vieram agricultores, como relata Schmitz (1975, p.44):

Entre os soldados, tanto os recrutados aqui, como os contratados no estrangeiro, na qualidade de mercenários, havia bons elementos. Mais tarde, uma vez terminado o serviço militar, prestaram relevantes serviços ao Brasil, como jornalistas, professores, comerciantes, políticos, etc. Alguns nomes são: Hillebrand, Koseritz, entre os mais notórios. Aqui em Nova Petrópolis é de todos familiares o nome do primeiro professor público, Federico Michaelsen.

O fim desse processo colonizador ocorreu devido a crises políticas no Governo Imperial. Por intermédio da Lei de Orçamento em 15 de dezembro de 1830, suprimiram-se todos os créditos para a colonização estrangeira. Essa paralização se prorrogou com o advento da Revolução Farroupilha (1835-1845) e só foi reiniciada a partir de 1846, quando surgiu paralelamente a imigração particular para o Estado (ROCHE, 1969).

Em 1848 foi promulgada pelo Governo Imperial a Lei Geral nº 514, que determinava, entre outras providencias, que as terras destinadas exclusivamente à colonização não podiam ser arroteadas por escravos. À vista disso, fica proibido ao imigrante o uso de mão de obra escrava (ROCHE, 1969).

Assim, ser agricultor não era uma opção para o imigrante e sim uma imposição do Governo Provincial, como se refere Roche (1969, p.103):

O Governo Provincial envia para as colônias que fundou o maior número possível de imigrantes e faz deles agricultores, por bem ou por mal. Em 1853, em 71 chefes de famílias mandados para Santa Cruz, há 25 artesãos e 46 agricultores; todos, entretanto, recebem um lote de terra e não podem viver senão do cultivo deles.

Dessa maneira, 96% dos imigrantes assentados por conta do Governo tornam-se colonos em 1853. Já em 1866, 5% desejaram ficar na cidade ou retornar para ela após conhecer as colônias. Esse percentual aumentou para 20% em 1873. Portanto, no período de 1846 até 1873 a função exercida nas colônias alemãs era essencialmente agrícola, sendo comprovado através de relatórios oficiais e por descrição dos viajantes estrangeiros (ROCHE, 1969).

#### 4.2 FORMAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DO RURAL DE NOVA PETRÓPOLIS

O estudo realizado por Jean Roche, descrito no livro *A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul*, publicado em 1969, identificou as quatro fases no processo de colonização alemã no Estado do Rio Grande do Sul. A partir desse estudo, pode-se descrever a formação e transformação do rural de Nova Petrópolis, desde a fundação da Colônia em 1858 até o ano de 1960.

Da última fase proposta por Roche, da década de 1960, até os dias atuais, outros autores, como Paz e Deppe, contribuem para descrever o rural de Nova Petrópolis.

##### 4.2.1 Primeira Fase: Instalação e Adaptação do Imigrante Europeu

Em 1858 com a instalação de 273 imigrantes foi iniciado o povoamento da Colônia Oficial de Nova Petrópolis. A procedência deste imigrante era, em sua maioria, de regiões e pequenos Estados Germânicos independentes, que se caracterizavam por questões socioculturais próprias, como dialeto, tradições e escolaridade. Entre as principais regiões destacam-se a da Renânia, Pomerânia, Saxônia, Baviera e Boêmia (PAZ, 2006).

Dos imigrantes que vieram para Nova Petrópolis, a maioria era de agricultores, mas havia uma diversidade de profissões como alfaiates, marceneiros, negociantes, tanoeiros, carpinteiros, sapateiros, curtidores, ouvires. Também vieram profissionais especializados como ceramistas, entalhadores de madeira, lapidadores de cristais, escultores e pintores (PAZ, 1998). Todos foram assentados no seu respectivo lote e se tornaram agricultores. Os imigrantes da Colônia de Nova Petrópolis deveriam pagar pelas terras num prazo de cinco anos, contado a partir do dia que entraram no lote conforme artigo 4 e 5 da Lei 304 de 30 de novembro de 1854 (ROCHE, 1969).

Muitas dificuldades foram enfrentadas, tais como a adaptação ao clima (estações invertida e condições atmosféricas diferentes), relevo, a vegetação, com a falta de estradas,

transporte, educação, assistência médica e religiosa. A distância dos mercados consumidores e principalmente a falta de boas vias de comunicação fizeram com que a Colônia progredisse lentamente, o que levou a denomina-la de *Neu Betübnis* (Nova Desolação). Mas com o decorrer do tempo tudo melhorou (DEPPE, 1988).

Em 1867, portanto nove anos após o início do povoamento, o relatório do supervisor da Colônia, Carlos Von Koreritz, relata que dos 344 lotes medidos, 290 foram ocupados por uma população de 916 habitantes. Sendo as principais culturas praticadas pelos imigrantes o milho, feijão, centeio, amendoim, cevada, linhaça, trigo, ervilha e tabaco. O excedente comercializado pela Colônia foi de 1.550 sacos de milho, 1.300 sacos de feijão, 50 sacos de ervilhas, 160 sacos de trigo, 110 sacos de cevada, 1.780 sacos de centeio, 110 sacos de linhaça e 800 sacos de amendoim. O cultivo do tabaco rendeu na produção de 360 arrobas de fumo e 30.000 charutos.

O relatório também traz dados relativos à atividade pecuária, sendo o rebanho de bovinos de 340 cabeças, equinos 710, ovinos 40, caprinos 310, suínos 6.000 e 8 mil aves domésticas. A criação de suínos rendeu a comercialização de 390 arrobas de banha e 1.050 arrobas de toucinho. O extrativismo rendeu em 680 arrobas de erva mate (PAZ, 2006).

Os dados do relatório de 1867 demonstra o quanto a atividade agrícola em Nova Petrópolis se desenvolvia e o volume de excedente que exportava nove anos depois do início do povoamento.

A Colônia de Nova Petrópolis estava loteada em 1880, sendo que uma pequena parcela dos lotes do lado norte, limite com Caxias do Sul, foram ocupados por imigrantes italianos após 1875 (PAZ, 1998).

#### 4.2.2 Segunda Fase: Expansão da Atividade Agrícola

Carlos Von Koseritz, diretor da Colônia de Nova Petrópolis, escreveu num relatório em 1872 que apesar das dificuldades encontradas na Colônia, o colono estava pagando as dívidas com a Província. Para ele, nada mais justo que atender as reivindicações dos mesmos em relação a estradas, pois estas eram a principal condição de vida para um núcleo tão afastado dos centros consumidores (PAZ, 1998).

Conforme Paz (2006, p.23) na busca de atender as reivindicações dos Diretores das Colônias em relação à abertura de estradas, o engenheiro Gama faz a seguinte manifestação

ao Presidente Provincial em 1882: “Em países em que se reconhece a colonização como medida eficaz de desenvolvimento, constroem-se estradas para formar povoados”.

A Estrada Presidente Lucena que liga São Leopoldo até Linha Imperial, Distrito de Nova Petrópolis, foi concluída em 1887. Esta via tirou do isolamento a Colônia, abrindo o acesso para o escoamento da produção (PAZ, 1998).

O imigrante já aclimatado e agora com uma estrada para escoar a produção amplia a área cultivada, aumentando o número de plantas cultivadas e, conseqüentemente, a quantidade dos produtos colhidos (ROCHE, 1969).

#### 4.2.2 Terceira Fase: Seleção das Culturas

Devido à escassez de recursos financeiros para custear a produção agrícola e não havendo bancos em Nova Petrópolis, o Padre Teodoro Amstad estimulou os agricultores a se unirem. Os colonos fundaram, então, dentro do Sindicato dos Colonos a Sociedade Cooperativa Caixa Rural de Nova Petrópolis, uma cooperativa de crédito com vinte associados que começou a funcionar a partir de 1903 (DEPPE, 1988).

Em 1914 o Governo do Estado encerra o processo de colonização. Isso ocorre por intermédio de uma declaração em ofício de 8 de maio de 1914 enviado pelo Presidente do Estado do Rio Grande do Sul, Dr. Borges de Medeiros, ao Ministro da Agricultura. Paz explica os motivos:

Não ter o Estado necessidade de introdução de grande número de imigrantes, por ser a sua população agrícola já bastante elevada, representando mais de um terço da população total, e com capacidade produtora que se pode tornar 10 vezes maior do que a atual, se o aumento do consumo o exigir [...] (PAZ 2006, p. 106).

Em 1921 abre-se outra via de comunicação e oportunidade de escoamento da produção através do acesso pelo lado norte da Colônia de Nova Petrópolis com a chegada da estrada de ferro que ligava Várzea Grande (Gramado) até Porto Alegre (PAZ, 1998).

#### 4.2.4 Quarta Fase: Declínio e Regressão da Atividade Agrícola

Inicialmente, na Colônia, o número de filhos por família, alimentados durante os anos de abundância agrícola obtido pela fertilidade natural do solo e a diminuição da mortalidade por intermédio de melhorias no tratamento a saúde, criaram um excedente populacional. Esse aumento demográfico, aliado ao declínio da produtividade agrícola da Colônia, intensificou o movimento migratório para fora do espaço rural, na busca de alternativas para a sobrevivência.

Nesse movimento migratório percebe-se a interferência no direcionamento do migrante. Conforme Schmitz (1975, p.81) a intenção era forçar a migração interna para as Novas Colônias: “A igreja insinua na voz e nos escritos de muitos de seus pregadores e escritores, a cidade e os que para lá emigram eram tidos como prováveis condenados. Os promotores da emigração para a cidade eram anatematizados e perseguidos”.

O relatório administrativo de Egydio Michaelsen, em 1944, ao Governo Estadual, sobre o 3º Distrito de São Sebastião do Caí, ao qual Nova Petrópolis pertencia, traz a preocupação em relação à pequena propriedade.

Prevalece em Caí o regime da pequena propriedade, hoje já ressentida do mal da subdivisão excessiva. Se a posse das áreas reduzidas é um bem-estar social e uma conveniência econômica, a subdivisão exagerada dos lotes coloniais nas antigas regiões produtoras do Estado vem criando um problema oposto, digno de ser, desde já, enfrentado e estudado. Dos 5.124 contribuintes dos cofres municipais, 614 têm menos de 5 hectares, 1124 contribuintes menos de 10 e 1684 menos de 20; só 11 tem mais de 300 hectares (PAZ, 1998, p. 129).

A ligação com os Campos de Cima da Serra, através da construção da estrada BR116, iniciada em 1938 e concluída em 1944, abriu mais uma via de comunicação e escoamento, fundamental para dinamizar as atividades econômicas de Nova Petrópolis, pois facilitou o acesso a Caxias do Sul e Porto Alegre. A construção da estrada também serviu de oportunidade de trabalho para muitos colonos (PAZ, 2006).

Em 1950 o Distrito de Nova Petrópolis já conta com um pequeno núcleo urbano. Nessa sede urbana residiam 471 habitantes, ou seja, 6,44% da população. No entanto, era na área rural que residiam à maioria da população. (PAZ, 2006).

Administrativamente a Colônia Provincial de Nova Petrópolis ficou vinculada a São Leopoldo de 1858 a 1875, quando passou a constituir o 3º Distrito de São Sebastião do Caí (PAZ, 1998). Em 1954 ocorreu a emancipação política de Nova Petrópolis por Lei Estadual,

na qual é elevada a condição de município, referendada por consulta popular através de plebiscito realizado em dezembro de 1953 (PAZ, 2006).

Após cem anos de colonização, em 1958 o Jornal A Hora de Porto Alegre traça um panorama da produção de Nova Petrópolis. Para o jornal muito pouco havia mudado nos cem anos, desde o início da colonização alemã.

A pequena transformação a que o jornal A Hora se refere está relacionado a técnica agrícola utilizada pelo produtor rural, que continua com a derrubada e queimada somente acrescentando o uso do arado com tração animal leve. Os principais cereais produzidos continuam sendo o milho, trigo e cevada.

Seguem na tabela 2 os principais produtos agrícolas produzidos no ano de 1957 no Município.

**Tabela 2** - Produção agrícola por tonelada em Nova Petrópolis, no ano de 1957

<b>Produtos agrícolas</b>	<b>Produção em toneladas</b>
Milho	10 mil
Trigo	204
Arroz	15
Cevada	15
Uva	28

Fonte: Organizado por WERLE, 2013 (PAZ, 2006).

A produção de milho que aparece na tabela acima reflete a importância econômica desse cereal, produto chave na economia rio-grandense, em 1858, o milho transformado em gordura “ouro branco”, suínos/banha, rendia três vezes mais que vendido em grão. Dessa forma, o milho foi praticamente transformado em monocultura nas áreas povoadas pelo imigrante de origem germânica, tanto que na década de 1950 o milho continua sendo a cultura com maior área cultivada, em volume colhido e geralmente em valor comercializado (ROCHE, 1969).

Importante ressaltar em relação a produção de milho, a partir da década de 1920 a área destinada ao cultivo deste cereal aumentou 22% em 30 anos mas o volume colhido declinou em 25%, a queda da produtividade foi em decorrência do esgotamento do solo. A principal consequência da redução da produtividade no cultivo de milho foi a diminuição do plantel de suínos por propriedade, pois o milho era a base do trato alimentar dos suínos (ROCHE, 1969).

Em relação à pecuária, o Jornal informa o número de cabeças por criação de animais (tab. 3) em Nova Petrópolis naquele ano.

**Tabela 3 -** Plantel da pecuária em Nova Petrópolis no ano de 1957

<b>Criação</b>	<b>Nº de cabeças</b>
Suínos	29.441
Bovinos	11.800
Equinos	3.147
Ovinos	500
Muare	305
Caprinos	95

Fonte: Organizado por WERLE, 2013 (PAZ, 2006).

Sobre a produção de origem animal, o Jornal relaciona os seguintes valores: 360 mil dúzias de ovos, 1.820 mil litros de leite, 14 mil quilos de manteiga, 90 mil quilos de queijo e 170 mil quilos de banha. O plantel avícola se resumia a 25 mil galinhas postura e 36 mil galos, frangas e frangos.

Já os produtos comercializados com Caxias do Sul, Novo Hamburgo, São Leopoldo, Porto Alegre e Niterói eram 12 mil cabeças de suínos e 9 mil aves (PAZ, 2006).

A condição precária de vida de parcela da população rural decorrente das dificuldades enfrentadas no rural de Nova Petrópolis se manifesta quando fundado o Sindicato dos Sem-Terra, na Linha Imperial, distrito de Nova Petrópolis, no ano de 1962.

Como pauta de debate no mesmo ano em diversas sessões na Câmara Municipal de Vereadores a situação dos agricultores de Nova Petrópolis, a realidade veio à tona, quando se discutiu a cobrança de um imposto sobre a propriedade agrícola pela Prefeitura. Do total de 3.600 pequenas propriedades do Município, 30% dos proprietários podia pagar o imposto, 30% dos proprietários teria dificuldade para pagar o imposto e 40% teria muita dificuldade para pagar o imposto: “Seriam forçados a tirar o último copo de leite e ovo da mesa, para pagar o imposto” (PAZ, 2006, p. 141).

Firmado convênio de ajuda técnica e financeira entre os governos do Brasil e da República Federal da Alemanha, o Acordo Básico de Cooperação Técnica necessitou da aprovação pelo Congresso Nacional, e foi assinado pelo presidente Castelo Branco, em 4 de agosto de 1964 (PAZ, 2006). Em seguida, três técnicos alemães fizeram um levantamento socioeconômico em quinhentas propriedades rurais do Município. Eles chegaram a seguinte conclusão, depois do estudo realizado: devido à topografia e a situação geográfica, a única solução viável seria a exploração racional dirigida à pecuária leiteira, e em segundo plano à fruticultura dentro de um sistema cooperativista (SCHMITZ, 1975).

Instalada por um grupo de alemães em 1965, a Granja Azaleia, no Distrito de Linha Araripe, Município de Nova Petrópolis, iniciou a criação com seis mil galinhas poedeiras destinadas a produção de ovos. Essa granja foi pioneira na produção de ovos com galinhas confinadas e alimentadas com ração balanceada, introduzindo um novo conceito e servindo de referência para os agricultores de Nova Petrópolis (PAZ, 2006).

Em Assembleia Geral foi constituída a Cooperativa Agropecuária Petrópolis Ltda. no ano de 1967, com a associação de 213 agricultores. Essa implantação contou com apoio a fundo perdido da Agência de Cooperação Técnica do Governo Alemão-*Deutsche Gesellschaft für Technische Zusammenarbeit* (GTZ). O programa dessa Agência estimulava o pequeno produtor a participar de programas de desenvolvimento local e autossustentável. Partia do pressuposto de que uma vez capacitado, organizado e responsabilizado, o produtor estaria apto a construir o próprio desenvolvimento. O foco da Cooperativa estaria voltado à atividade leiteira (PAZ, 2006).

#### 4.2.5 Pós década de 1960: A Nova Perspectiva Agrícola Oportunizada pela Revolução Verde

Antes da implantação da Cooperativa Agropecuária Petrópolis Ltda. em Nova Petrópolis, conforme Paz (2006), a agropecuária do Município e entorno estava organizada sobre a policultura, basicamente na produção de subsistência com o comércio esporádico do excedente, sem especialização em alguma atividade predominante.

Para Paz (2006) a diminuição do número de agricultores está diretamente ligada à resistência a novas tecnologias por parte do agricultor, ao custo de investimento na modernização da propriedade, a baixa produtividade por falta de especialização, acarretando aumento do custo do frete e na dificuldade do produtor em transformar sua unidade de produção numa empresa rural. Dessa forma, só permaneceu na atividade leiteira quem atuou de forma profissional pela busca de escala e da qualidade técnica. O simples tirador de leite tenderia a desaparecer.

Para Hasse (1997) a alta no preço da soja em 1973, na Bolsa de Chicago dos Estados Unidos da América, criou novas perspectivas para a agricultura. Com a soja, o governo brasileiro vislumbrou uma oportunidade de mudança na atividade agrícola da Região Sul do Brasil, criando a dobradinha trigo/soja com base no conceito norte-americano de agricultura, pelo qual:

- Agricultura se faz com máquinas;
- Agricultura depende da genética;
- Agricultura precisa de fertilizantes;
- Agricultura não pode passar sem defensivos químicos;
- A razão de ser da agricultura não é a sobrevivência da pequena propriedade ou da família patriarcal, mas o mercado.

O rápido aumento do cultivo da soja, patrocinado por recursos públicos subsidiados, possibilitou a mecanização das lavouras, a expansão da fronteira agrícola, o avanço nas exportações, mas também ampliou o êxodo rural provocando a urbanização acelerada (HASSE, 1997).

O início da produção em escala de calçados em Nova Petrópolis (1976) e a grande expansão de um curtume promoveu grande ampliação na geração de emprego (PAZ, 2006), abrindo possibilidade para o morador rural exercer atividade na indústria sem sair, abandonar a propriedade rural. Amplia-se a oportunidade para a pluriatividade familiar, mas a atividade agrícola em muitas propriedades cai para segundo plano, sendo exercida pelas mulheres ou por aposentados.

A partir do ano de 1978 o produtor rural do Município conta com a presença da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do RS (EMATER/RS) e da Associação Sulina de Crédito e Assistência Rural (ASCAR) (PAZ, 2006).

Ocorre, também, o início da produção de doce de frutas pela Cooperativa Agropecuária Petrópolis LTDA em 1982, dando continuidade ao projeto iniciado na década de 1960 com o estudo diagnóstico realizado por técnicos alemães sobre potencialidades rurais no Município de Nova Petrópolis.

A produção agrícola numa área de 10.843 hectares, conforme levantamento realizado por técnicos da EMATER no ano de 1983 encontra-se na tabela 4:

**Tabela 4** - Produção agrícola de Nova Petrópolis no ano de 1983

<b>Produtos agrícolas</b>	<b>Produção em toneladas</b>
Milho	17.850
Mandioca	7.700
Cana de açúcar	4.600
Batata inglesa	2.560
Tomate	1.250
Batata doce	960
Soja	420
Arroz	289
Tabaco	240
Feijão	225
Cebola	180
Sorgo	63
Trigo	54
Alho	28

Fonte: Organizado por Hugo Werle, 2013 (PAZ, 2006).

A tabela 4 nos mostra o milho como principal produto em toneladas, bem abaixo está a produção de mandioca. Num comparativo com os dados já descritos nesse trabalho sobre a produção agrícola do ano de 1867 e 1957 percebe-se a entrada de novos produtos que antes não estavam presente, como a mandioca, batata inglesa, tomate, batata doce, soja, cebola, sorgo e alho e a saída da cevada.

Na pecuária, nesse mesmo ano, o rebanho era constituído pelos seguintes animais (tab. 5).

**Tabela 5** - Plantel da pecuária em Nova Petrópolis no ano de 1983

<b>Criação</b>	<b>Nº de cabeças</b>
Suínos	32.654
Bovinos	12.232
Equinos	3.147
Muare	1.302
Ovinos	363
Caprinos	71

Fonte: Organizado por Hugo Werle, 2013 (PAZ, 2006).

A suinocultura é a de maior plantel, em seguida vem o numero de cabeças bovinas. Num comparativo com o plantel de suínos de 1957 tabela 3 e de suínos de 1983 tabela 5 ocorreu um incremento do plantel de suínos em 16 anos de 10,91%. No mesmo período num comparativo entre as mesmas tabelas o rebanho bovino cresceu em 3,66%. O plantel de equinos continua o mesmo após 16 anos. Ocorreu aumento de 326,88% num comparativo entre as tabelas 3 e 5 do numero de muare.

Em 1995 foi criado o Centro de Treinamento de Agricultores Nova Petrópolis – CETANP. Segundo Paz (2006) a meta do cooperativismo é a profissionalização do agricultor para que o mesmo consiga administrar a sua propriedade como uma empresa rural. Para tanto o CETANP, por intermédio dos “Programas de Apoio ao Produtor” desenvolveu diversos cursos, entre eles o curso de manejo de gado leiteiro.

No ano de 2008 foi implantado o Polo Universitário no Município de Picada Café, trazendo o Curso de Graduação em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural.

As transformações que passam a acontecer no território em estudo, por influência da instalação de um Polo Universitário em Picada Café, pode ser compreendido a partir de Wittmann e Ramos (2004, p. 9):

[...] as pessoas que chegaram à idade adulta nos anos cinquenta ou sessenta podem testemunhar que a expansão do sistema de ensino superior foi um dos mais importantes fatores que contribuíram para transformar a realidade do Rio Grande do Sul na segunda metade do século vinte. Há quarenta anos, eram bem poucos os cursos superiores existentes fora da capital.

A instalação do Polo Universitário em Picada Café vai propiciar mudanças na questão da migração rural e no desenvolvimento territorial local.

## **5 O ESVAZIAMENTO POPULACIONAL DO RURAL EM NOVA PETRÓPOLIS**

Esse capítulo tem o objetivo de identificar as principais motivações que levaram uma grande parcela da população a sair da área rural de Nova Petrópolis.

Após pesquisa bibliográfica pode-se apontar que as principais causas foram: o crescimento natural da família, o tamanho da propriedade, o isolamento e abandono, o conhecimento e a técnica agrícola, preço e dificuldade de comercialização, infraestrutura, apoio do Estado a pequena propriedade, tratadas a seguir.

### **5.1 CRESCIMENTO NATURAL DA FAMILIA**

O número médio de filhos por família constituída, no território germânico, era de quatro nos anos de 1820. No Rio grande do Sul o imigrante alemão e seus descendentes aumentaram este número. Num primeiro momento teve “a dupla influência da técnica agrícola que exigia mão de obra abundante para o desbravamento das florestas e da fertilidade das terras virgens, capazes de alimentar uma população numerosa, pelo menos durante certo espaço de tempo”, elevando a média para 10 filhos ou mais nas famílias imigradas entre 1850 e 1860 (ROCHE, 1969, p.163).

Esta média de filhos por família cria um excedente populacional, na colônia, conforme descrito por Roche (1969, p.376):

O primeiro fator das migrações é a expansão demográfica dos municípios povoados pelos imigrantes alemães e seus descendentes. O contingente de imigrantes, em cada geração, corresponde exatamente ao número de filhos que excede o que basta para a ocupação do lote paterno ou, a rigor, do semilote: fica um filho, dois, no máximo, na propriedade.

O excedente é levado a emigrar, são na maioria jovens que vão construir seu lar nas Novas Colônias ou fora do Rio Grande do Sul. Novamente em terras a ser desbravadas, o descendente de imigrante necessita de mão de obra, grande número de filhos, que a fertilidade das terras virgens alimenta, por um determinado período de tempo, assim recriando cada fase do ciclo, adaptação, expansão, seleção e de declínio/regressão (ROCHE, 1969).

É o caso de *Hans Jacobsen Nör*, imigrante dinamarquês que chegou em 1874 a Nova Petrópolis. Dos seus cinco filhos (1ª geração), dois eram homens: Alberto permaneceu em Nova Petrópolis e o Fritz foi para Panambi. Alberto casou com Bertha Arend, o casal teve 13 filhos, criando 12, sendo 10 homens e duas mulheres. Destes, um ficou na terra dos pais (Alberto e Bertha) na Linha Brasil, outro em um pedaço de terra em Linha Imperial, e um terceiro na Linha Araripe. Os demais migraram para municípios da Grande Porto Alegre e três foram para o Oeste de Santa Catarina, sendo que dois retornaram entre três a quatro anos depois (DEPPE, 1988, p. 49).

A taxa de fecundidade na região sul do Brasil a partir de 1950 foi de 5,70 filhos por mulher, em 1960 (6,74), 1970 (6,42), 1980 (4,51), 1991 (2,66), 2000 (2,25) e 2010 (1,9), sendo a taxa do Município de Nova Petrópolis, conforme o Censo do IBGE de 2010, de 1,5 filhos por mulher (IBGE, 2010).

## 5.2 TAMANHO DA PROPRIEDADE

Os lotes repassados aos imigrantes foram demarcados e cadastrados por agentes técnicos do governo. Para Roche (1969, p. 121) “Haviam-na feito sem distribuir racionalmente os lotes, sem preocupar-se com facilitar o desenvolvimento econômico dos estabelecimentos, sem zelar pelo progresso da assimilação dos colonos”. O formato dos lotes era retangular, com a frente medindo 110 ou 220 metros e de fundo 3.200 ou 2.200 metros (fig. 3).

**Figura 3** - Mapa da distribuição dos lotes na Colônia de Nova Petrópolis, RS



Fonte: Carlos Brandt, 2010.

Em 1824 o tamanho do lote concedido ao imigrante pela administração era de 160.000 braças quadradas, equivalente a 77 hectares. Este tamanho prevaleceu nas primeiras colônias, que foram São Leopoldo, Torres, Três Forquilhas e Santa Cruz. A partir de 1851 o tamanho do lote foi alterado para 100.000 braças quadradas, correspondente a 48,4 hectares, caso de Nova Petrópolis (ROCHE, 1969).

Em 1889 o tamanho da propriedade passou a ser de 25 hectares, denominado de “lote colonial”. Esse tamanho foi utilizado pelas empresas particulares de colonização, que teve como consequência o rápido esgotamento da terra, pois havia a necessidade do primeiro colono responsável pela área realizar a completa derrubada de toda mata, não restando área de terra com mata como reserva e consequentemente diminuindo o tempo de pousio (ROCHE, 1969).

Em relação ao tamanho da propriedade, o relatório administrativo de Egydio Michaelsen, Supervisor Distrital de São Sebastião do Cai, encaminhou ao Governo Estadual, em 1944, relativo à sua gestão 1936-1944, no qual caracteriza a estrutura fundiária do 3º Distrito de São Sebastião do Cai, Nova Petrópolis, naquele período:

Prevalece em São Sebastião do Cai o regime da pequena propriedade, hoje já ressentida do mal da subdivisão excessiva. Se a posse das áreas reduzidas é um bem-estar social e uma conveniência econômica, a subdivisão exagerada dos lotes coloniais nas antigas regiões produtoras do Estado vem criando um problema oposto, digno de ser, desde já, enfrentado e estudado. Dos 5.124 contribuintes dos cofres municipais, 614 tem menos de 5 hectares, 1.130 menos de 10 e 1.684 menos de 20; só 11 tem mais de 300 hectares (PAZ, 1998, p. 129).

A matéria publicada no jornal “A HORA” de Porto Alegre, em setembro de 1958, com o objetivo de mostrar as transformações após 100 anos de colonização, traça um panorama de Nova Petrópolis. Ao abordar sua economia mostra que não haviam ocorrido transformações profundas nas práticas agrícolas da população rural, nem no seu modo de vida:

Nova Petrópolis é um município essencialmente agrícola, surpreendendo, no entanto, a inexistência de métodos modernos de exploração da lavoura. Os fatores que para isso contribuem são diversos: - o sistema da pequena propriedade, onde impera o trato da terra por métodos empíricos; - o estado acidentado do terreno da região. Apesar desses fatores adversos, a agricultura tem expressão econômica no município (PAZ, 2006, p.131).

Para Roche (1969) o segundo fator das migrações das populações rurais naquele período decorre da estrutura agrária, caracterizado pelo regime da pequena propriedade.

### 5.3 DIVERSIDADE DE PROFISSÕES

Nos anos de 1854 a 1874, período durante o qual ocorreu a maior parcela de ocupação dos lotes da colônia de Nova Petrópolis, chegaram ao Rio Grande do Sul 15.587 imigrantes alemães, desse total, 51% eram de agricultores (ROCHE, 1969).

Dos imigrantes que vieram para Nova Petrópolis, a maioria era de agricultores. Mas havia uma diversidade de profissões, entre elas se encontravam alfaiates, marceneiros, negociantes, tanoeiros, carpinteiros, sapateiros, curtidores, ouvires. Também vieram

profissionais especializados como ceramistas, entalhadores de madeira, lapidadores de cristais, escultores e pintores (PAZ, 1998).

Na Colônia de Nova Petrópolis em 1870 havia 178 lavradores, que ocupavam 199 lotes. Mas já existiam quatro moinhos, dois engenhos de azeite, dois engenhos para moer casca, duas fábricas de charutos, uma fábrica de carretas e um curtume. Também havia três alfaiates, três marceneiros, quatro carpinteiros, três pedreiros, três sapateiros, um ferreiro, um tecelão, um tanoeiro e um agrimensor (PAZ, 1998).

A motivação pela mudança de posição social “o ser proprietário de terra” pode ter influenciada a vinda de um grande número de imigrantes. Essa oferta abre ao emigrante germânico a oportunidade de não somente de conquistar uma propriedade, mas também a passar para outra condição social, que segundo Gehlen e Mocelin (2009, p. 18) “é sua posição na divisão social do trabalho como proprietário ou não dos meios de produção que determina sua classe social”. Então, vir ao Brasil e conquistar uma fração de terra pode ter significado para este emigrante a oportunidade de mudança de classe social, passar da condição de servo para a condição de proprietário.

A existência da diversidade de profissões entre os imigrantes traz conjuntamente ao processo de colonização a pluriatividade, como caracterizou Deppe (1988, p. 119) em seu livro *Contribuição para a História de Nova Petrópolis*:

Depoente Jorge Hansen

De janeiro até junho eu trabalhava fora, construía casas. Então, eu tinha que estar em casa novamente, por causa do trabalho agrícola (...). Naqueles meses nós ainda fazíamos fumo, então a mulher picava o fumo.

[...]

Depoente Raymundo Lamberty

Naquela época, 1870 e até 72, 73 eles cavalgavam da Picada Café e alguns já de Nova Petrópolis, até a fronteira e trabalhavam lá. Despediam-se da família por um ano pra ganhar dinheiro lá (...). Faziam taipas lá (...). Isso fizeram durante alguns anos (...). Para ganhar dinheiro (...) aqui nada havia para ganhar dinheiro.

[...]

Depoente Amanda H. Kaiser

A profissão de meu avô era tanoeiro, ele era natural da terra do vinho no Mosela. Depois eles trabalharam na roça, pois outra coisa não havia por aqui. Meu marido era serralheiro, então ele tinha primeiro uma oficina aqui no Brasil e construía fogões (...). Os Hoffstätter eram ricos, quando chegaram ao Brasil. Aqui começaram uma casa de comercio (...). O tio do meu pai, ele veio como professor ao Brasil.

Essa pluriatividade dentro da Colônia fez surgir múltiplas pequenas agroindústrias de fumo, queijo, embutidos de carne, moinhos, serrarias, bem como pequenas indústrias de equipamentos para uso na agricultura como arados, carroças ou para uso na casa como fogões e moveis. Também havia os prestadores de serviços como o ferreiro, carpinteiro, pedreiros entre outros. Mas todos viviam no rural e mantinham a atividade agrícola, que para alguns era a fonte principal para a sobrevivência, para outros, a atividade agrícola já estava em segundo plano (PAZ 2006).

#### 5.4 ISOLAMENTO E ABANDONO

A questão geográfica que circunda o local onde foi fundada a Colônia de Nova Petrópolis dificulta o acesso para a mesma, com a falta de rios navegáveis e a dificuldade na construção de estradas por causa das encostas rochosas e íngremes, típicas da região.

Mas a motivação estratégica para a fundação dessa Colônia pelo Governo Provincial foi a sua localização geográfica, que possibilitava a ligação de Porto Alegre com os Campos de Cima da Serra. Mesmo assim, Nova Petrópolis era uma Colônia Oficial, que para Paz (1998, p. 19) foi relegada ao abandono:

Após um certo entusiasmo inicial das autoridades responsável pela criação da nova Colônia, ocorreu o abandono. A população acabou ficando isolada, dependendo da própria iniciativa para criar as condições de sobrevivência e desenvolvimento.

Para Schmitz (1975) uma das causas do isolamento pode estar vinculada a informação repassada ao colono através da religião e da literatura:

A manutenção do conceito rural de religião e o preconceito contra a cidade, símbolo do “mundo”, do “perdido”, do “mal”, com seus instrumentos de perversão: cinema, jornais, revistas, modas, etc. Na voz e nos escritos de muitos pregadores e escritores, a cidade e os que para lá emigravam eram tidos como prováveis condenados. Os promotores da emigração para a cidade eram anatematizados e perseguidos (SCHMITZ, 1975, p.81).

A citação acima pode levar a interpretar como sendo uma forma de induzir ao filho do colono necessitado a emigrar optar pelo rural, isto é, seguir a caminhada rumo ao noroeste, para colônias novas, oeste de Santa Catarina e Paraná. Ou se manter no meio rural e se reservar em relação às informações oriundas da cidade. A questão geográfica, a indução via fonte de informação, a língua alemã, o descaso do poder público com a Colônia, a pequena

propriedade que limita o volume de produção dificultando a comercialização podem ser consideradas algumas das causas de Nova Petrópolis ter se transformado em uma ilha dentro do território gaúcho.

### 5.5 CONHECIMENTO, A TÉCNICA AGRÍCOLA EMPREGADA

A técnica tradicional da derrubada e queimada é vista como uma das causas da diminuição do intervalo de tempo para uma colônia completar um ciclo formado por quatro fases, isto é, a fase de adaptação, de expansão, de seleção e de regressão da produção agrícola da colônia. Consequentemente a nova fronteira agrícola necessitava ser aberta ou a busca por sobrevivência fora do rural, ou seja, migração para as cidades por parcela da população da Colônia.

Segundo Roche (1969, p.16) “A história das colônias é a de uma luta contra as dificuldades de transporte e esgotamento do solo. A agricultura não prendeu, portanto, os colonos a terra desbravada”. Esta afirmação do autor acontece porque quanto melhor são os meios de escoar a produção agrícola, com mais intensidade a atividade agrícola é realizada e mais rapidamente ocorre o esgotamento do solo, pois a exploração agrícola é executada através da técnica de derrubada e queimada.

A maioria dos imigrantes que vieram para Nova Petrópolis saiu da Europa antes de lá acontecerem às mudanças nos métodos de trabalho na agricultura com a introdução dos adubos, corretivos do solo, inseticidas, etc. Portanto, como cita Schmitz (1975, p.81):

Não poucos preferiram abandonar a “colônia velha”, como a denominavam, e sair em busca de terras novas e férteis, para não precisar mudar e para lá continuar nos métodos rotineiros de uma “agricultura de rapina”.

Oitenta anos depois de sua fundação, em 1938, a Colônia de Nova Petrópolis estava iniciando a fase de declínio/regressão, fechando o “Ciclo de Roche”, com baixa produtividade em decorrência do esgotamento do solo. Isso ocorreu devido à técnica agrícola utilizada que continuava sendo a da derrubada e queimada, e pelo aumento demográfico, gerado durante as fases anteriores citadas por Roche, expansão e seleção, e a introdução de técnicas sanitárias que reduziram acentuadamente a mortalidade (SCHMITZ, 1975).

Com a técnica da derrubada e queimada a queda de rendimento numa área, ou seja, da produtividade, depende do tipo de cultura praticada e da fertilidade natural do solo, após algumas colheitas fruto do mesmo processo, o rendimento diminui muito rapidamente. Como consequência, o colono abandona a área e esta passa a ter capoeira, que depois de dois ou três anos é derrubada, queimada e a roça novamente cultivada (ROCHE, 1969). Esse processo era denominado de “agricultura itinerante da queimada” e nem por força da Lei Federal nº 4.771, de 15 de setembro de 1965 (Código Florestal) o Governo Federal consegue alterar esta prática, décadas mais tarde.

A Lei nº 9.519, de 21 de janeiro de 1992 que institui o Código Florestal do Estado do Rio Grande do Sul, no Capítulo III da Proteção Florestal no seu Artigo 28 diz: “É proibido o uso do fogo ou queimadas nas florestas e demais formas de vegetação natural”. Já ocorreram duas tentativas, via Assembleia Legislativa Estadual, para “derrubar”, “queimar” esta Lei. Uma das justificativas usadas para isso é o baixo custo de aplicação da técnica da queimada.

Cabe fazer o registro do relato do filho de agricultor João Herbert Werle, referente a fala do seu avô João Alberto Werle, sobre a aplicação da técnica da derrubada e queimada, realizada pelo colono no Município de Dois Irmãos nos anos de 1870 – 1880:

Quando da abertura de novas roças em mata virgem, no hoje, município de Dois Irmãos, após a derrubada da mata virgem o colono amontoava os galhos finos e colocava fogo, estes o fogo consumia rapidamente, isto é, a matéria orgânica da superfície, mas que havia muitos pontos onde o acúmulo de material era tão grande que o fogo permanecia por dias e algumas vezes chegava a sair fumaça da terra por semanas.

A explicação para este fenômeno, segundo crenças da época, era que estava “queimando terra podre”. A leitura que se pode fazer deste relato é de que se acumulou matéria orgânica por milhares de anos e a “ignorância” do colono destruindo-a em questão de horas através do fogo.

## 5.6 PREÇOS DOS PRODUTOS AGRÍCOLAS E A DIFICULDADE DE COMERCIALIZAÇÃO.

Paz (1998) traz um registro feito pelo Padre Amstad no ano de 1900 na localidade de Feliz:

Com a carroça cheia e os burros carregados do fruto de pesados trabalhos e de resultados de amargos suores, o colono se dirige à casa comercial, mas as bugigangas estrangeiras, que recebe em troca para casa, ele facilmente pode colocar debaixo do braço. Por isso a queixa que hoje se houve com frequência: Pelas nossas coisas nada recebemos, mas pelo que compramos devemos pagar o duplo e o triplo (PAZ, 1998, p. 122).

Por outro lado, o tabaco foi cultivado pelo colono desde a chegada em 1824 e em 1832 já se instalavam pequenas fábricas de charutos em Porto Alegre e São Leopoldo. O Governo dedicava ao cultivo do tabaco uma atenção especial, tanto em relação ao processo de classificação das folhas quanto à qualidade, na seleção de sementes e em orientação técnica, através de livretos distribuídos aos plantadores redigidos em português e alemão. Segundo Roche (1969, p.251) em relação ao fumo “seu preço é, em média, de cinco a sete vezes mais alto que o dos outros produtos agrícolas”.

Outro aspecto limitador era a dificuldade de comercialização, conforme Deppe (1988, p. 203) através do depoimento registrado em seu livro.

Luiz Guilherme Tomazi, carroceiro durante anos, responsável pelo transporte da mercadoria produzida na colônia, no caso carne:

Uma vez, prá São Leopoldo (...), carregava 400 quilos (...), passei por tudo (...). Eu vendi cerca de 200 quilos. Sim, e o resto? (...) Tive que voltar cerca de 1 quilometro (...), sair, para que pudesse jogar nas capoeiras (...). Isto era ruim (...). Mas eu tinha que levar outra carga (...), açúcar e sal (...). Eu queria dar de presente (...), ninguém aceitou (...). Antigamente era difícil, quando se queria alguma coisa (...). Hoje a gente pega um milhão, dois, não se consegue mais nada.

Irene Staudt conta da dificuldade de comercialização:

Pra pagar as dívidas, com os níqueis – isso dava tantas moedas (...), que tinham que ter um saquinho para colocar tudo, tanto que era – e era difícil juntar tudo isso. Colhia-se e não havia lugar para onde vender os produtos. Vender para onde?

Quase dois séculos, desde o início da colonização alemã no RS (1824), a situação em relação a grande parcela das pequenas propriedades rurais, agricultura familiar e as políticas públicas continuam tendo o caráter exclusivamente produtivista, explorando-a unicamente

pela capacidade de produção de alimentos em abundância e a baixo preço (CONTERATO, 2009).

### 5.7 INFRAESTRUTURA

De acordo com Paz (1998) no relatório do diretor da Colônia de Nova Petrópolis (1872), Carlos Von Koseritz, consta o registro no qual este aponta que apesar das dificuldades enfrentadas na Colônia de Nova Petrópolis, era naquele lugar que o colono melhor estava pagando as dívidas com a Província. Dessa forma, nada mais justo que atender as reivindicações dessa Colônia em relação a estradas, pois elas eram a principal condição de vida para um núcleo tão afastado dos centros consumidores. A Estrada Presidente Lucena, que liga São Leopoldo até Linha Imperial, distrito do Município de Nova Petrópolis, foi concluída em 1887 (PAZ, 1998), tirando a colônia do isolamento e permitindo o escoamento da produção de forma mais rápida e com menor sacrifício.

O objetivo do Governo Provincial de criar a Colônia de Nova Petrópolis era esta servir de referência à estrada entre Porto Alegre e a borda superior do Planalto (Campos de Cima da Serra), sendo esta rodovia só inaugurada em 1944. Desta forma a atividade na Colônia era restringida por falta de vias para escoar a produção (ROCHE, 1969).

### 5.8 APOIO DO ESTADO A PEQUENA PROPRIEDADE DA AGRICULTURA FAMILIAR

A posição do Governo sobre a capacidade de produção agrícola é demonstrado na declaração em ofício de 8 de maio de 1914, enviado pelo Presidente do Estado, Dr. Borges de Medeiros, ao Ministro da Agricultura com o objetivo de acabar com o acordo entre a União e o Estado pelo serviço de Povoamento do Solo. Um dos motivos alegados foi:

Não ter o Estado necessidade de introdução de grande número de imigrantes, por ser a sua população agrícola já bastante elevada, representando mais de terço da população total, e com capacidade produtora que se pode tornar 10 vezes maior do que a atual, se o aumento do consumo o exigir; tendo, além disso, a vantagem de conhecer o nosso regime rural e possuir a experiência colhida em largo tirocínio de trabalho agrícola (PAZ, 2006, p.106).

É interessante observar a participação do Governo em momento de “crise”, isto é, quando da necessidade de aumentar a produção para satisfazer demanda externa. Exemplo disso ocorreu no período entre 1914-1918, na Primeira Guerra Mundial, e o período de 1939 a 1945, Segunda Guerra Mundial. É o que trata Paz (2006), quando cita o relatório administrativo de Egydio Michaelsen de 1944:

A alfafa, de que São Sebastião do Cai continua sendo o maior e melhor produtor do país, teve uma exportação de oito milhões em 1939, o que se deve em boa parte, ao amparo que o poder público, no momento da crise, dispensou ao problema (PAZ, 2006, p. 129).

Este momento de crise, a que se refere Egydio Michaelsen, foi a Segunda Guerra Mundial.

Na busca por alternativa para promover transformações no rural do Município de Nova Petrópolis, em meados de 1963, o Vereador Seger faz manifestação da tribuna da Câmara Municipal.

Ser fato consumado que o progresso do país depende da agricultura. Técnicas mais adiantadas e melhores métodos empregados resultariam em melhores colheitas. A agricultura indo bem, também o comércio e a indústria vai bem. A ASCAR eleva o nível técnico do agricultor, fornecendo assistência técnica gratuita. Caso o Prefeito tiver interesse, é quase certo que conseguirão a presença de técnico ainda este ano. A contribuição anual é de CR\$450.000,00 (PAZ, 2006, p. 143).

Em 1978 foi instalada a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Sul (EMATER) e a Associação Sulina de Crédito e Assistência Rural (ASCAR) no município de Nova Petrópolis. Somente em 1996 a Agricultura Familiar recebe o reconhecimento pelo Governo Federal através do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar-PRONAF (BRASIL, 2013).

## 6 O RURAL ATUAL DE NOVA PETRÓPOLIS

Esse capítulo tem como objetivo caracterizar a situação atual do rural do Município de Nova Petrópolis. A fim de melhor entendimento, dividiu-se em dois momentos.

No primeiro foram utilizados como fonte de dados do Censo Agropecuário realizado pelo IBGE (2006), que trata da temática rural e os disponíveis pela Federação das Associações dos Municípios do Rio Grande do Sul (FAMURS) e Associação Comercial Industrial de Nova Petrópolis (ACINP). Já no segundo, as entrevistas realizadas com os produtores rurais e os ex-Secretários da Secretaria de Agricultura dos municípios de Nova Petrópolis, Picada Café e Dois Irmãos.

### 6.1 CARACTERIZAÇÃO SOCIO ECONÔMICA DO RURAL

No Município foram identificados 962 estabelecimentos rurais, sendo que 93,76% são tipificados como de agricultura familiar. Destes, 42,2% exercem a pecuária e criação de outros animais. A área ocupada por estes estabelecimentos familiares rurais é de 13.188 hectares, onde 96% são próprios e adquiridos por compra particular (51%) ou herança (48%) (IBGE, 2006).

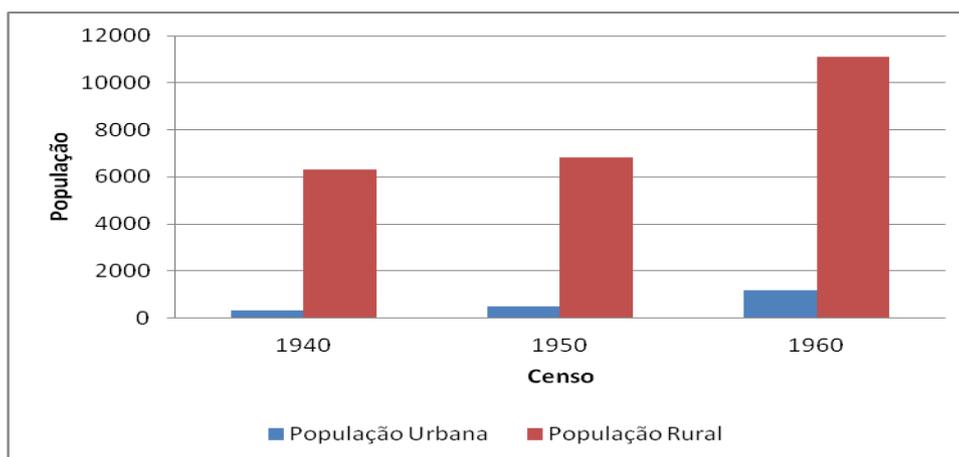
Os núcleos familiares rurais tinham o total de 2.323 pessoas ocupadas nos 962 estabelecimentos. Esses tinham como característica a direção dos trabalhos nas propriedades sendo exercidas por homens (86,49%) a 10 anos ou mais, cujo grau de instrução de 69,11% desses é de ensino fundamental incompleto. O local de residência da maioria (92,83%) era o próprio estabelecimento rural (IBGE, 2006).

Em 205 estabelecimentos, o responsável/produtor tinha atividades fora do próprio estabelecimento, sendo as de tipo “não agropecuárias” a mais representativa com 80,49%. No caso de algum membro familiar, que não responsável/produtor eram 343 estabelecimentos também com atividades “não agropecuárias” (93,98%) (IBGE, 2006).

A distribuição geográfica da população do Município de Nova Petrópolis demonstra acentuada mudança. Segundo o IBGE (Censo 1970) 78,87% da população residia na área

rural no ano de 1970. Passados quarenta anos, 25,77% se encontrava residindo na área rural (Censo 2010), isto é, ocorreu praticamente uma inversão, de uma população predominantemente rural passou-se a uma população predominantemente urbana (fig. 4).

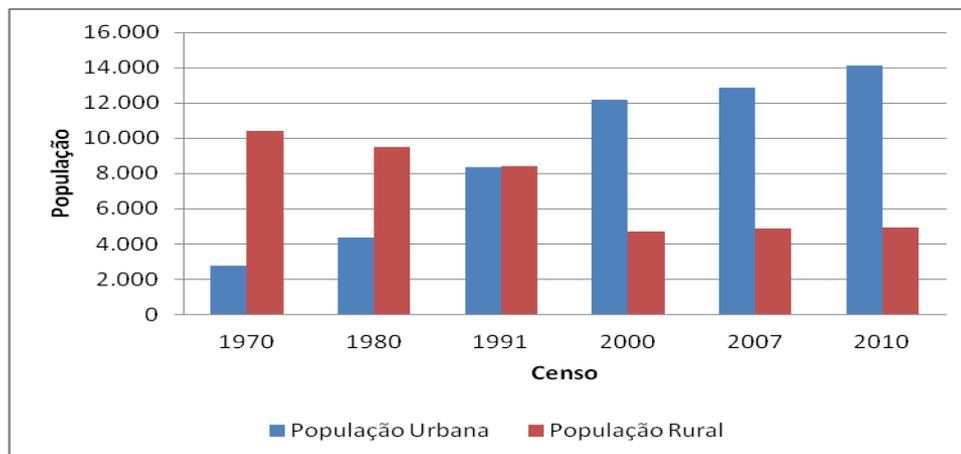
**Figura 4** - Gráfico da evolução demográfica do Município de Nova Petrópolis, segundo Censo do IBGE de 1940,1950 e 1960



Fonte: Organizado por Hugo Werle (PAZ, 2006).

Um fato que contribuiu com o aumento populacional de Nova Petrópolis, entre 1950 e 1960, foi ocasionado em parte pela anexação dos Distritos de Picada Café e Pinhal Alto, ocorrido por ocasião da emancipação em 1954. Importante destacar que esses dois Distritos eram constituídos em sua totalidade por população rural. Assim, na década de 1950, Nova Petrópolis tinha população urbana de 471 habitantes e na década seguinte 1.167 habitantes, um aumento de 147,77% na população urbana do Município em uma década (PAZ, 2006).

O êxodo rural no município de Nova Petrópolis continua acelerado até o ano de 2000 conforme mostra a figura 5.

**Figura 5** - Gráfico da distribuição geográfica da população do município de Nova Petrópolis

Fonte: Organizado por Hugo Werle (IBGE, 2010).

Os dados do IBGE demonstram que a partir do Censo 2000 para a curva decrescente do número de residentes na área rural do Município, ocorrendo uma inversão, isto é, um aumento do número de habitantes no meio rural. Portanto, indiferente do “avanço” ou não, ou do uso ou não de “novas” técnicas nas Unidades de Produção Agrícola (UPA) pode estar ocorrendo migração para outras atividades “não agropecuárias” no rural de Nova Petrópolis. Portanto, podem estar ocorrendo transformações no rural que não estão ligadas diretamente a atividade agrícola, motivando o aumento do número de habitantes.

Em relação à produção agrícola municipal segundo dados disponíveis pelo IBGE (2006 e 2010), os principais cultivos de Nova Petrópolis podem ser observados na tabela 6, a seguir:

**Tabela 6** - Produção agrícola de Nova Petrópolis do ano de 2006 e 2010

<b>Produtos</b>	<b>2006 (ton./ha)</b>	<b>2010 (ton./ha)</b>
Abacaxi	10 mil frutas / 1	24 mil frutas / 2
Alho	24 / 4	24 / 4
Amendoim (casca)	8 / 5	8 / 5
Arroz (casca)	2 / 2	2 / 2
Aveia	2 / 2	2 / 2
Batata Doce	196 / 14	300 / 20
Batata Inglesa	1.070 / 115	1.300 / 115
Cana de Açúcar	280 / 8	320 / 8
Cebola	156 / 12	109 / 12
Feijão	132 / 170	117 / 170
Fumo	4 / 2	4 / 2
Mandioca	960 / 60	1.056 / 66
Melão	4 / 1	53 / 5
Milho	6.885 / 1.418	8.100 / 2483
Tomate	500 / 20	420 / 20

Fonte: Organizado por Hugo Werle, 2013 (IBGE, 2010).

Observa-se pela tabela que a maior área utilizada é para o cultivo do milho tanto no ano de 2006 como no ano de 2010. E que ocorreu um aumento de mais de mil hectares na área plantada de milho do ano de 2006 para o ano de 2010, com aumento de volume de produção. Segundo Ludke (2013) não ocorreu queda da produtividade, mas um maior uso do milho para a produção de silagem, conseqüentemente uma menor colheita de milho em grão.

Ocorreu aumento significativo de área plantada com aumento do volume de produção no cultivo de melão. O cultivo de batata doce teve um incremento na área plantada (42,85%), bem como aumento no volume produzido de 53,06%. O cultivo de mandioca recebeu um incremento de 10% na área plantada e o mesmo aumento no volume de produção. A área de cultivo de abacaxi duplicou no período passando para dois hectares ocorrendo o mesmo aumento em relação ao número de frutas colhidas. No cultivo de cana de açúcar e batata inglesa obtiveram um ganho de produção sem aumento da área plantada. No cultivo de cebola, tomate, feijão ocorreu queda da produção sem alteração na área plantada.

O aumento da área e colheita de milho não necessariamente significa incremento, aumento no número de pessoas empregadas, mas pode ter ocorrido um maior direcionamento da mão de obra já disponível, pois a cultura do milho é quase toda mecanizada com alta produtividade homem/hectare. Com exceção do melão nas outras culturas não ocorreu um aumento tão significativo causando necessidade de aumento do emprego de mão de obra (LUDKE, 2013).

Dados do rebanho referente aos anos de 2006 e 2010 de Nova Petrópolis, disponibilizados pelo IBGE (2006 e 2008), estão na tabela 7, abaixo.

**Tabela 7** – Rebanho em Nova Petrópolis nos anos de 2006 e 2010

<b>Rebanho</b>	<b>2006 (quant.)</b>	<b>2010 (quant.)</b>	<b>Crescimento (%)</b>
Bovinos	6.019	6.787	12,76
Equinos	11	23	109,09
Bubalinos	19	23	21,05
Suínos	6.483	5.127	-20,92
Caprinos	16	55	243,75
Ovinos	270	270	0,00
Vacas Ordenhadas	2.279	3.826	67,88
Frango de corte	927.446	874.500	-5,71
Galinhas	885.000	755.200	-14,67
Codornas	-	3.128	

Fonte: Elaborado por Hugo Werle, 2013 (IBGE, 2010).

Os dados acima demonstram que ocorreu aumento do rebanho bovino (12,76%), principalmente do número de vacas ordenhadas (67,88%) do ano de 2006 para o ano de 2010. Também ocorreu crescimento entre os anos de 2006 e 2010 no rebanho de caprinos (243,75%), equinos (109,09%) e bubalinos (21,05%). No entanto, diminuiu, do ano de 2006 para 2010, o rebanho de suínos (- 20,92%) e no plantel de galinhas postura (-14,67%) e na produção de frango de corte (- 5,71%).

A produção de origem animal de Nova Petrópolis encontra-se na tabela 8.

**Tabela 8** - Produção de origem animal em Nova Petrópolis nos anos de 2006 e 2010.

<b>Produtos</b>	<b>2006 (quant.)</b>	<b>2010 (quant.)</b>	<b>Crescimento (%)</b>
Leite de Vaca	7.390 mil litros	8.853 mil litros	20
Ovos de Galinha	1.030 mil dúzias	3.028 mil dúzias	194
Ovos de Codorna	-	14 mil dúzias	

Fonte: Elaborado por Hugo Werle, 2013 (IBGE, 2010).

O aumento do número de vacas ordenhadas 67,88% (tabela 7) trouxe um acréscimo na produção de leite de 20% (tabela 8). Para Ludke (2013) o incremento no volume foi decorrente do aumento da produção nas propriedades já constituídas e não em decorrência de

novos produtores. O mesmo aconteceu com o número de ovos produzido, em 194%, isto é, incremento por propriedade sem alterar o número de produtores.

A produção de frutas no Município de Nova Petrópolis está disponível na tabela 9.

**Tabela 9** – Produção de frutas em Nova Petrópolis nos anos de 2006 e 2010.

<b>Produtos</b>	<b>2006 (t/ha)</b>	<b>2010 (t/ha)</b>
Figo	200 / 25	280 / 28
Goiaba	75 / 5	75 / 5
Laranja	600 / 60	650 / 65
Limão	40 / 4	40 / 4
Pera	42 / 3	60 / 3
Pêssego	60 / 6	58 / 6
Tangerina	162 / 12	216 / 16
Uva	600 / 50	480 / 60

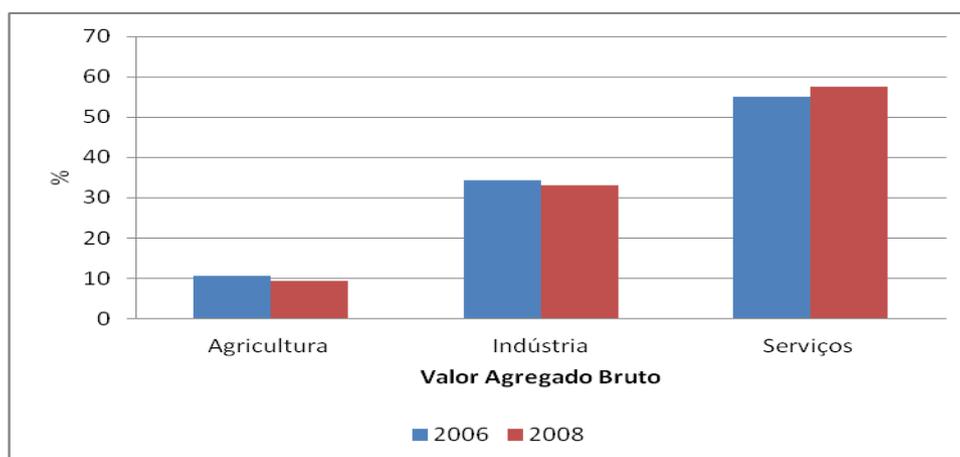
Fonte: Elaborado por Hugo Werle, 2013 (IBGE, 2010).

A produção de frutas em 2006 foi de 1.779 toneladas em 165 hectares e em 2010 de 1859 toneladas em 187 hectares ocorrendo um aumento de 4,5% na produção de frutas e aumento da área de 13,33% em quatro anos. Com destaque em toneladas produzidas para a uva, laranja, figo e tangerina, nas quatro variedades ocorreu aumento da plantada.

A diversificação da produção agrícola no Município de Nova Petrópolis, tendo como principais produtos o leite, frango, ovos, suínos, frutas, verduras, legumes e cereais, demonstra sua riqueza como estratégia de independência, isto é, foge da tradicional monocultura. Por outro lado, esta diversificação diminui o volume de produção comparado com outras regiões produtoras limitando a comercialização ao mercado interno, não usufruindo dos benefícios da estrutura exportadora do agronegócio brasileiro.

As transformações ocorridas a partir da década de 1970 com o processo de industrialização da economia e de serviço com a concentração da população no urbano diluiu a participação econômica da agricultura quando analisados os dados referentes ao PIB municipal e o Valor Agregado Bruto (VAB).

A seguir os dados demonstrativos da participação da agricultura no Valor Agregado Bruto (VAB) no ano de 2006 e 2008 no Município de Nova Petrópolis (fig. 6).

**Figura 6** - Gráfico do VAB de Nova Petrópolis

Fonte: Elaborado por Hugo Werle, 2013 (FAMURS, 2010).

Percebe-se a queda da participação da agricultura no total do valor agregado bruto municipal e um crescimento na área de serviço entre os anos de 2006 e 2008. Segundo Ludke (2013) esta queda ocorreu devido à mudança na forma de pagamento ao produtor de frango pela agroindústria, isto é, no sistema de produção de frango integrado a agroindústria passou a pagar ao agricultor por serviço.

A seguir os dados demonstrativos da participação do Município de Nova Petrópolis no Valor Agregado Bruto a nível estadual (tab.10).

**Tabela 10** – Participação de Nova Petrópolis no VAB do RS

VAB	2006 (%)	2008 (%)	Crescimento (%)
Agricultura	0,19	0,14	- 26,31%
Indústria	0,20	0,20	0,0
Serviços	0,15	0,15	0,0

Fonte: Elaborado por Hugo Werle, 2013 (FAMURS, 2013).

Ocorreu queda na participação da agricultura no Valor Agregado Bruto a nível estadual (-26,31%), porém não aconteceu variação da participação no VAB Indústria e no VAB Serviços em nível estadual.

Essa caracterização demográfica e econômica é o cenário onde está inserido o produtor rural, sujeito dessa pesquisa. Uma análise dos dados referente ao Censo do IBGE de 1991, 2000 e 2010 observa-se que ocorreu um crescimento do total da população no Município de Nova Petrópolis. O Censo do ano de 2000 demonstra também o aumento do número de habitantes na área rural de Nova Petrópolis, num comparativo com o Censo de 1991 e 2000, rompendo uma sequência de redução da população residente no rural de décadas.

No entanto, a participação do Valor Agregado Bruto Agrícola continua diminuindo em relação ao Produto Interno Bruto (PIB) do Município.

Como a pesquisa propõe identificar as motivações que estão promovendo a migração para o rural, buscaram-se nas entrevistas com os proprietários rurais respostas para tal questão, disposta a seguir.

## 6.2 OS PRODUTORES DO NOVO RURAL

Para ilustrar as motivações que faz com que as pessoas retornem ao rural, pode-se citar um trecho da carta escrita por Cacique Seattle de 1854, em resposta a proposta de compra da terra pelo governo norte americano. “O que ocorrer com a terra recairá sobre os filhos da terra, há uma ligação em tudo”. Assim, quem aprendeu a conviver com a terra, se relacionar com a terra e interagir com a terra, a terra volta. É essa relação, sentimento, que esses ex-rurais no passado e ex-urbanos no presente, manifestam. Foi esse apego à terra de seus antepassados a principal motivação que os fez retornar ao rural, conforme entrevista realizada nessa pesquisa.

Em relação à motivação pela escolha da propriedade; uma foi pelo fato de a proprietária ter nascido (herança) na propriedade, outra propriedade foi adquirida pela proximidade do centro da cidade (6 km) e estar situado numa área preservada, estrategicamente isolada de agrotóxicos. Na terceira propriedade a motivação foi a posição geográfica e a compatibilidade com os projetos agropecuários. Na quarta propriedade a motivação está ligada ao tipo de atividade agrícola exercida e ao desenvolvimento de agroindústria e turismo, agro turismo.

Assim, podem-se caracterizar estes entrevistados como os proprietários de origem germânica, 50% do sexo feminino e 50% do sexo masculino. A forma de aquisição das

propriedades ou foram por compra (75%) ou herança (25%). E todos os proprietários tem formação superior completa, nas seguintes áreas: engenharia mecânica e elétrica, pedagogia e Planejamento e Gestão para Desenvolvimento Rural.

As propriedades estão afastadas do centro da cidade, estando a mais próxima a seis quilômetros e a mais afastada a 28 quilômetros. Na média a distância das propriedades do centro de Nova Petrópolis é de 14 quilômetros.

Em relação ao tamanho da propriedade a menor possui dois hectares e a maior 54 hectares, sendo que pelo critério tamanho de propriedade todas se enquadram nos moldes da Agricultura Familiar. A média das propriedades é de 26,62 hectares.

Mas só uma propriedade se enquadra como de Agricultura Familiar, pois em duas propriedades o titular possui fonte de renda de aposentadoria que supera em mais de 50% a renda obtida pela comercialização da produção agrícola. E uma propriedade esta constituída como pessoa jurídica.

Todos os proprietários residem na propriedade e a média de pessoas moradoras é de 3,25 pessoas. Sendo que 50% das propriedades também utilizam mão de obra não familiar.

Em três propriedades a forma de aquisição foi por compra sendo que em duas a compra ocorreu em etapas, isto é, foi comprada uma parcela de terra e depois foram adquiridas outras parcelas de vizinhos. Em relação há quanto tempo (anos) que adquiriram a propriedade, as respostas foram 25, 19, 15 e 9 anos.

Os proprietários nasceram no meio rural, portanto já tinham vinculo com o rural. Sendo que a idade que tinham quando saíram era de; 8, 12, 14 e 17 anos. A motivação principal de todos os entrevistados que os levou a sair do rural foi o acesso à escola (estudo), como relata um entrevistado:

A inviabilidade da agricultura na pequena propriedade era evidente (1964) e obrigava a buscar alternativas. Tive a sorte de ter pais que enxergavam que a educação era a ferramenta mais importante e investiram o necessário para proporcionar uma fase inicial de qualidade. Após, trabalhei a partir dos 14 anos de idade com carteira assinada para financiar a continuação dos estudos até a pós-graduação. Com esta formação tive acesso a trabalhos no Brasil e no exterior, tendo trabalhado no exterior por 15 anos em posição de executivo de grande empresa.

O relato do outro entrevistado que é dez anos mais novo e foi morar na cidade com oito anos:

O pai aderiu a revolução verde, 1972, investiu se endividou, mas não obteve retorno, passou por dificuldades e teve que vender as terras para pagar as dividas e ir morar na cidade. Sorte que sobrou para comprar um terreno e construir uma casa na cidade.

O fato da família se mudar para a cidade, no entender do entrevistado, significou não só acesso a escola, mas principalmente continuidade na frequência escolar que permitiu uma condição de vida bem melhor.

Relevante ressaltar que em todas as propriedades onde aconteceram as entrevistas a família proprietária é independente financeiramente, isto é, não depende financeiramente de recursos financeiros oriundos da atividade realizada na propriedade. Sendo que em duas a fonte externa é aposentadoria e nas outras duas, o proprietário continua exercendo atividade na cidade.

Todas as propriedades tem atividade com fins econômicos, isto é, são exploradas economicamente. A conquista da auto sustentabilidade econômica já é realidade em 75% das propriedades, sendo que o maior obstáculo segundo todos os entrevistados em relação a sustentabilidade econômica esta diretamente vinculada ao tamanho da propriedade. Conforme relato do proprietário da propriedade de dois hectares é difícil conseguir realizar uma atividade num parcela de terra tão pequena que permite a autossustentabilidade econômica no interior do Município de Nova Petrópolis:

Ainda estamos buscando a alternativa certa, já tentamos verduras, flores em estufa. Agora estou confinando gado que compramos dos Campos de Cima da Serra. Estamos completamente dependentes de fatores externos, desde o novilho, alimentação e insumos para o gado. Mas é o que melhor resultado tem apresentado.

Em todas as propriedades ocorreu investimento em infraestrutura, galpões e equipamentos, conforme relata um dos entrevistados:

A autossustentabilidade só é possível com infraestrutura e equipamentos adequados. Possuímos um conjunto de equipamentos e máquinas adequadas às principais funções e utilizamos os equipamentos do Circulo de Máquinas do Município para aqueles de uso eventual.

Sendo que só 25% das propriedades utilizaram e utilizam recursos financeiros provenientes de empréstimos bancários.

Em duas propriedades, segundo seus proprietários, são utilizados equipamentos e técnicas de manejo e produção modernas, tecnologia de ponta com equipamentos de última geração de acordo com sua função. Na propriedade com confinamento de gado o equipamento utilizado é bem rudimentar. Na propriedade com produção de orgânicos a técnica utilizada é toda voltada para a agroecologia, sem uso de máquinas, somente um sistema de tubulações para auxiliar na irrigação.

A principal atividade econômica exercida nas propriedades caracteriza uma das diferenças entre as quatro propriedades pesquisadas, pois cada uma está focada numa atividade específica. A primeira está focada no agro turismo e ao cultivo de rosas para extração de óleo, a segunda voltada ao confinamento de gado, a terceira na produção orgânica de frutas, verduras e agroecologia e a quarta é especializada em produção de genética em caprinocultura de corte (quadro 1)

**Quadro 1** - Identificação das propriedades conforme a principal atividade econômica exercida

Propriedade	Atividade
Orgânica	Produção orgânica de frutas, verduras e agroecologia
Agro turismo	Agro turismo e cultivo de rosas para extração de óleo
Confinamento	Confinamento de gado
Caprinocultura	Produção de genética em caprinocultura de corte

Para demonstrar a avaliação dos proprietários referente ao serviço de fornecimento de energia elétrica, rede de água, telefonia, *internet* e estrada na sua propriedade e entorno, foi solicitado aos proprietários conceituar o serviço como Ótimo (O), Muito Bom (MB), Bom (B), Regular (R), Ruim (RU), Não Tem (NT). Segue tabela 11 com as respostas.

**Tabela 11** – Avaliação dos agricultores entrevistados sobre serviços e estradas

	<b>Energia Elétrica</b>	<b>Rede de Água</b>	<b>Telefonia</b>	<b>Internet</b>	<b>Estradas</b>
Orgânica	B	NT	NT	NT	B
Agroturismo	B	RU	RU	RU	B
Confinamento	MB	NT	R	RU	B
Caprinocultura	RU	NT	NT	NT	R

Fonte: Elaborado por Hugo Werle, 2013.

Na tabela 11 de avaliação dos agricultores entrevistados onde consta a resposta Não Tem, significa que aquela propriedade não é assistida por este serviço.

Observa-se que ocorre baixa conceituação em quase todos os serviços, principalmente em relação à comunicação, relacionada à telefonia e internet. Ocorre a falta de serviço básico como água e problemas com a energia elétrica. Cabe o relato de um dos proprietários rural entrevistado em relação à energia elétrica:

A concessionária tem “consumidores cativos” e não clientes (pois é absolutamente impossibilitado por lei comprar energia de outro fornecedor) e comporta-se exatamente da forma correspondente: Presta um péssimo serviço com absoluta falta de manutenção da rede e conseqüente falhas a cada chuva.

Uma das respostas sobre rede de água potável de um dos proprietários rural entrevistado foi “Não existe qualquer infraestrutura pública na área. Toda a água é captada, tratada e transportada particular”.

Como registro da alternativa encontrada por um dos proprietários rural entrevistado para ter acesso ao serviço de telefonia segue resposta: “A telefonia fixa não alcança a propriedade, obrigando a fazer o transporte do sinal por rede *Wifi* até a propriedade com investimento particular. Telefonia celular tem cobertura deficiente”.

Também foi solicitada outra avaliação aos entrevistados referente ao serviço de assistência à saúde, educação e assistência técnica oferecida pelo poder público para o produtor rural (tab. 12).

**Tabela 12** – Avaliação dos agricultores referente à educação, saúde e assistência técnica

	<b>Educação</b>	<b>Saúde</b>	<b>Assistência Técnica</b>
Orgânica	MB	B	B
Agroturismo	B	R	O
Confinamento	RU	MB	O
Caprinocultura	RU	RU	B

Fonte: Elaborado por Hugo Werle, 2013.

Observa-se que na avaliação da educação ocorreu uma variação desde o conceito Muito Bom até Ruim, prevalecendo o Ruim. Na avaliação ao que se refere à questão da saúde pública também ocorreu a variação desde o conceito Muito Bom até Ruim. Em relação à assistência técnica ao produtor rural os conceitos foram Ótimo e Bom.

Sobre educação um dos proprietários entrevistados relata:

A queda de qualidade da educação é rápida e profunda, reflexo da total falta de foco do governo neste tema essencial para a manutenção da competitividade mesmo na atividade rural. Nossas escolas na região hoje já têm professores que não tem mais a formação com a qualidade que permita que eles saibam escrever corretamente os textos apresentados aos alunos, tornando absolutamente impossível que os alunos aprendam. Os problemas são iguais nos outros campos de conhecimento, especialmente a matemática. Com a tecnificação da agricultura e da pecuária torna-se essencial uma educação de base de qualidade para mão de obra. Fica evidente para qualquer pessoa medianamente informada que este é o caminho mais rápido para perder a competitividade contra qualquer país que tenha melhor performance.

Segue manifestação de proprietário entrevistado sobre a assistência a saúde:

Independente de viver na cidade ou no campo, a péssima qualidade da assistência a saúde governamental (que pagamos caro!) obriga a manter planos de saúde privados, e nem mesmo a fiscalização das empresas que oferecem estes planos de saúde é cumprida com o mínimo de qualidade. É clara a ineficácia dos órgãos de fiscalização que defendem as empresas e não os cidadãos.

Quando questionado sobre assistência técnica ao produtor rural a resposta de um dos proprietários entrevistado foi:

A assistência técnica na região é oferecida exclusivamente pela EMATER. A disponibilidade de recursos é totalmente incompatível com as necessidades dos produtores rurais.

Para tornar o meio rural mais atrativo cabe ao poder público buscar formas de ampliar e melhorar os serviços necessários em relação ao fornecimento de energia elétrica, água, telefonia, internet e estradas, isto é, infraestrutura básica, pois o avanço tecnológico das comunicações e transporte permite a uma parcela da população urbana retornar ao meio rural e lá desenvolver atividade que servem de alavanca para o desenvolvimento do rural.

A metade dos entrevistados (50%) buscou acumular capital e aplicar o mesmo na aquisição de terra. O proprietário que herdou sua propriedade está fazendo a contagem regressiva e, segundo o mesmo, faltam três anos para se aposentar e se dedicar exclusivamente as atividades na propriedade. O quarto proprietário entrevistado está aplicando seu capital disponível em uma empresa rural. Portanto retornar ao rural estava e está presente na vida de todos. Tal situação fica caracterizada no depoimento dos proprietários entrevistados:

Os investimentos na atividade rural iniciaram na fase profissional ativa, desenvolvendo um projeto para a propriedade com o mesmo nível de profissionalismo com que comandava a atividade na empresa em que trabalhava. O objetivo era ter uma atividade saudável para o período de aposentadoria no trabalho empresarial. Esta aposentadoria está em vigor agora. [...] Sempre acreditei na sustentabilidade do meio rural, buscar uma vida mais saudável, produzir os próprios alimentos.

Quando do questionamento sobre o que leva uma pessoa a sair hoje do rural, todos citaram a questão da educação, profissional e da sobrevivência. Pode-se afirmar que todas as respostas convergem, conforme o depoimento de um dos entrevistados:

As oportunidades para um jovem nascido no meio rural de conseguir estabelecer um projeto que proporcione ganhos razoáveis no meio rural são muito poucas. Dado o quadro de uma educação cada vez mais deficiente, fica mais simples para ele arranjar um emprego simples em alguma fábrica. Após se acostumar a ter algumas horas de trabalho monótono na fábrica para depois poder se alienar completamente leva a uma acomodação que torna a aspiração de uma atividade rural que exija períodos mais extensos de dedicação impensável.

A questão da sucessão na propriedade rural ainda está muito mais vinculada ao ser proprietário do que propriamente ao produzir na propriedade. Neste aspecto o relato de um dos entrevistados sobre sucessão rural, reforça isso: “Um empreendimento rural gerido de forma profissional pode fazer parte do patrimônio de qualquer pessoa, mesmo não sendo a única atividade desta pessoa”.

Outro proprietário manifestou desejo em transformar a sua propriedade em uma Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN). E 50% dos entrevistados estão em fase de construção dos projetos: “Temos que encontrar o caminho dos passos seguintes. Não nascemos com rótulos.”, afirma um dos entrevistados.

### 6.3 A CONJUNTURA POLÍTICA E ECONÔMICA DO PODER MUNICIPAL

Realizar as entrevistas com os ex-Secretários da Agricultura de Nova Petrópolis, Picada Café e Dois Irmãos teve como objetivo buscar conhecer quem esteve trabalhando junto ao poder público municipal e conhecer a visão dos mesmos em relação à situação da agricultura em cada município.

A escolha para entrevistar o ex-Secretário do Município de Picada Café foi devido a este já ter sido Distrito de Nova Petrópolis, desmembrado em 1992. Já o Município de Dois Irmãos fazia divisa com Nova Petrópolis antes das emancipações de Picada Café, Morro Reuter e Santa Maria do Herval. Portanto há uma relação decorrida da formação histórica entre eles, a do pertencimento da região onde ocorreu a colonização alemã no Estado.

Na entrevista realizada durante os meses de abril e maio de 2013 foi aplicado um questionário semiestrutura junto a cada ex-Secretário da Agricultura, descrito a seguir.

Os ex-Secretários entrevistados assumiram o cargo em janeiro de 2009, sendo que um se afastou do cargo de secretário em maio de 2011 para assumir função de diretor de

Secretaria junto ao governo estadual, ficando aquele município sem secretário da agricultura até janeiro de 2013. Os outros dois entrevistados permaneceram no cargo até dezembro de 2012.

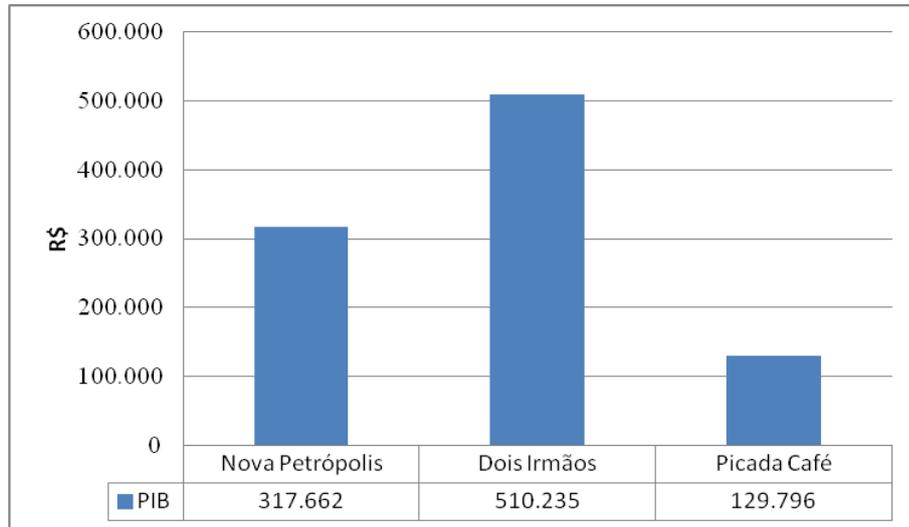
Em relação à origem familiar todos os ex-secretários entrevistados são de origem germânica.

Dois ex-Secretários possuem grau de escolaridade de nível médio com formação em Técnica Agrícola e o terceiro tem formação superior em Filosofia com especialização em Comunicação Popular e Desenvolvimento Endógeno. Em relação à atividade profissional exercida antes de assumir a Secretaria da Agricultura, tem-se um agricultor e sócio de agroindústria, um Técnico agrícola da EMATER, e um professor universitário. Após deixar o cargo de Secretário da Agricultura passaram a exercer as atividades de Diretor de Secretaria do Governo do Estado do RS, Técnico da EMATER, Consultor e Representante Comercial, respectivamente.

Em dois municípios o maior desafio enfrentado no período que exerceram o cargo de secretário estava relacionado ao orçamento da Secretaria para investimento na agricultura. O principal motivo indicado por eles foi de que a administração municipal deixava a agricultura em segundo plano, direcionando os recursos financeiros de investimento para a indústria, usando a justificativa da baixa participação da agricultura do VAB Municipal. E noutro município, os recursos para investimento estavam direcionados para ser aplicado na silvicultura e gado leiteiro.

Na figura 6 apresentam-se os dados do Produto Interno Bruto (PIB) e na figura 7 a participação do Valor Agregado Bruto (VAB) da Agricultura, Indústria e Serviços dos municípios de Nova Petrópolis, Dois Irmãos e Picada Café referente ao ano de 2008.

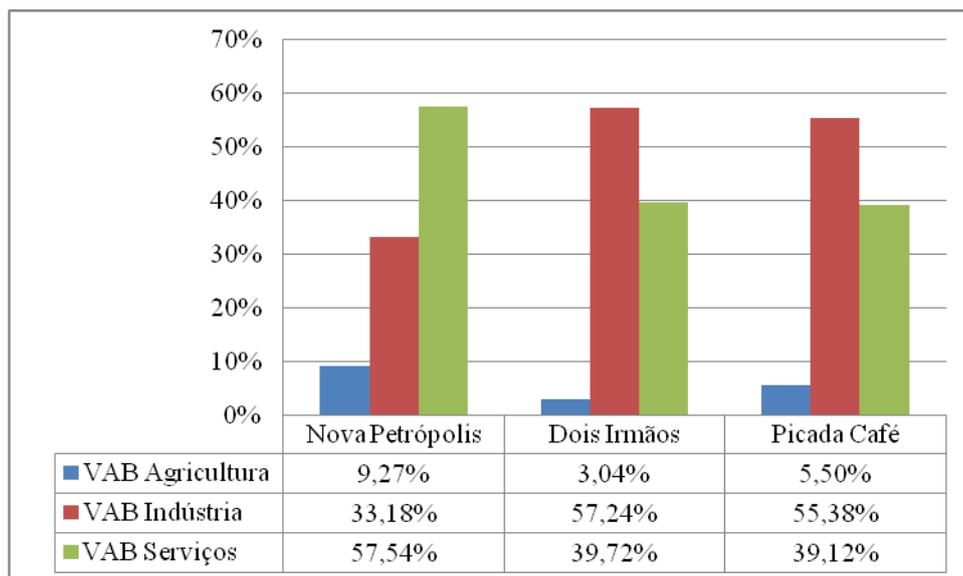
**Figura 7** - Gráfico do PIB dos municípios de Nova Petrópolis, Dois Irmãos e Picada Café, ano de 2008



Fonte: Elaborado por Hugo Werle, 2013 (FAMURS, 2013).

O gráfico da figura 8 demonstra que o PIB de Dois Irmãos é bem superior que de Nova Petrópolis e Picada Café. O que leva a Dois irmãos ter um PIB superior ao dos outros municípios. Qual a relação com a indústria, serviço e agricultura.

**Figura 8** – Gráfico do VAB dos municípios de Nova Petrópolis, Dois Irmãos e Picada Café, ano de 2008



Fonte: Elaborado por Hugo Werle, 2013 (FAMURS, 2013).

Observa-se uma diferença no VAB agrícola dos municípios. O percentual de participação do VAB Agrícola de Nova Petrópolis é três vezes maior que o de Dois Irmãos e quase duas de Picada Café. A soma dos três VAB (agrícola + indústria + serviço) é igual ao PIB de um município. Portanto um VAB agrícola municipal maior representa uma maior participação do referido setor dentro do PIB municipal. Desta forma o VAB agrícola de Nova Petrópolis é mais de três vezes superior ao de Dois Irmãos em participação do PIB municipal, mas em valor monetário a diferença não chega a ser o dobro, isto é, participação VAB Agrícola de Nova Petrópolis é de R\$ 29.447.267,00 e de Dois Irmãos é de R\$ 15.511.144,00. Isto significa que a participação da agricultura na economia de Nova Petrópolis é maior que a participação da agricultura na economia de Dois Irmãos proporcionalmente.

Em relação à infraestrutura, isto é, energia elétrica, água, telefonia, *internet* e estradas a avaliação dos três entrevistados se resume a frase declarada por um deles: “As estradas são boas, o resto deficiente com muito trabalho a ser feito”.

Com relação à técnica agrícola e manejo utilizado pelos produtores agricultores as respostas dos ex-secretários ressaltam o aspecto de atraso, estagnação, mas com ganhos de produtividade. Para os ex-secretários há necessidade da tecnificação da produção com preservação ambiental.

Para os ex-secretários o agricultor não se preparou para atender a demanda dentro do município onde está localizada a propriedade rural, esta realidade fica explícita quando a prefeitura busca fornecedores para atender o programa de alimentação escolar. Na opinião de um dos ex-secretários o produtor se perdeu em disputa com o agronegócio. Conforme declarou o ex-secretário entrevistado: “Está atrasado, erro de estratégia por muitos anos, sindicato sem opinião, quando deveriam discutir alternativas estavam discutindo lei ambiental, principal problema do agronegócio”.

Na visão dos ex-secretários os produtores rurais estão bem equipados, sendo que a maioria utiliza máquinas e equipamentos da própria estrutura da Prefeitura por intermédio do programa municipal denominado Círculo de Máquinas.

Segundo os ex-secretários a comercialização da produção é um ponto extremamente delicado para o produtor, pois para quem produz leite, frango e suínos está atrelado a grandes empresas, conseqüentemente a margem de negociação para o agricultor é mínima, quando existe, é a agroindústria que impõe o preço. A dificuldade do agricultor para comercializar a produção segundo um dos ex-secretários entrevistados é motivado por; “falta informação

sobre comercialização para a grande parcela de produtores, o produtor rural em sua maioria não consegue ver oportunidades”.

No quesito assistência técnica para o produtor rural há concordância entre as três respostas dos ex-secretários: “Já estive pior, entre péssimo e ótimo está bom, é necessário ampliar o numero de técnicos disponíveis, falta extensão rural”, relatou um.

Os ex-secretários relataram também que presenciaram a saída do rural por produtores e, segundo eles, as principais causas foram a oportunidade de trabalho fora do rural com melhor remuneração, sucessão familiar, qualidade de vida na cidade no aspecto de oportunidade de estudo e assistência a saúde, aposentadoria no rural. Mas quando eles foram questionados sobre que motivação leva a pessoa a sair do rural as respostas foram as seguintes:

- a) Baixa remuneração alcançada com a atividade agrícola;
- b) Falta de conhecimento, não saber implantar alternativas para a diversificação da renda;
- c) Não saber se defender ante as intemperes climáticas;
- d) Não ter conhecimento de comercialização;
- e) Dificuldade na sucessão familiar da propriedade;
- f) Serviços públicos frágeis e deficientes no rural, como transporte, energia elétrica (ênfase no acesso a rede trifásica), assistência a saúde, escola, agua, correio, telefonia, internet e outros serviços.
- g) Falta de informação para o agricultor sobre as políticas publicas para o rural;e
- h) Trabalhar no rural exige muito da pessoa, além do conhecimento o serviço é pesado geralmente por falta de condições técnicas e tecnológicas, alto custo do investimento com perspectiva de retorno só há longo prazo, conseqüentemente, alto risco.

Na visão dos ex-secretários as causas apontadas pelos mesmos são bem mais complexas do que as testemunhadas por eles e alegadas pelos próprios produtores rurais que abandonaram o rural nestes três municípios no período de 2009 a 2012.

Os ex-secretários conhecem propriedades rurais com atividade agrícola onde o proprietário é ex-urbano. Segundo eles algumas das características do ex-urbano e sua propriedade rural com atividade agrícola:

- a) Na maioria pessoas proativas com a comunidade (causam novas reações entre a população local);

- b) Praticamente todos empreenderam e tiveram certo êxito;
- c) Investem em tecnologia, maquinas e equipamentos;
- d) Executam a gestão empresarial na propriedade rural;
- e) Buscam a viabilidade econômica da propriedade rural; e
- f) Geralmente conhecem o mercado consumidor que pretendem atender.

Sobre a permanência do jovem na propriedade rural todos os ex-secretários apontam para a necessidade de mudanças profundas:

- a) Primeiramente atender as necessidades básicas como água, energia elétrica trifásica, telefonia, internet, assistência à saúde, escola entre outras;
- b) Realizar um estudo/diagnostico para levantar as potencialidade e fragilidades de cada propriedade rural;
- c) Realizar estudo sobre demandas, oportunidades de mercado no município ampliando o raio de ação até atingir demanda para toda produção;
- d) Equipar a propriedade com equipamento que efetivamente promova ganho em qualidade, produtividade com o menor consumo de energia/combustível e viabilidade econômica de acordo com a capacidade de produção da propriedade;
- e) Viabilizar um ganho financeiro ao produtor rural através da produção da sua propriedade que proporcione uma vida digna, indiferente da localização da propriedade; e
- f) Viabilizar a produção agrícola com a sustentabilidade ambiental.

Para o ex-secretário de Dois Irmãos os aspectos acima citados são condições básicas para que ocorra a permanência da atividade agrícola no município atraindo público para desenvolvê-la. Em relação ao jovem ocorreu a seguinte afirmação por um dos ex-secretários entrevistados:

O jovem irá buscar a atividade rural se a mesma proporcionar uma condição de vida satisfatória, o esforço para produzir alimentos de forma saudável deve ser compensado, o resto é conversa para boi dormir, enrolação/exploração.

A transformação no rural dos três municípios impõe condições que estão colocando a atividade agrícola em processo de extinção. Cabe registro de um dos proprietários ex-urbano em relação ao futuro da atividade agrícola no Município de Nova Petrópolis.

O interior de Nova Petrópolis como na maior parte da chamada região colonial da serra está fadada a desaparecer como fator de produção agrícola. A maioria das propriedades está virando chácaras de lazer. Nós mesmos estamos transferindo toda nossa produção para outra região.

Provavelmente o estímulo para a permanência no rural deva surgir por necessidade, pela simples falta de opção, isto é, a história provavelmente irá se repetir dois séculos depois do início da colonização alemã no Rio Grande do Sul.

## 7 CONCLUSÃO

A estratégia usada pelo Governo Imperial e Provincial de utilizar em sua maioria o imigrante de origem germânica (1824-1914) para povoar a terra publica, devoluta, coberta pela Mata Atlântica, na Encosta do Planalto do RS, através de assentamentos, Colônias, para ali fixar o imigrante deu certo. O imigrante desbravou a mata, implantou a atividade agrícola através da técnica da derrubada e queimada, formaram povoados, hoje cidades, entre elas, Nova Petrópolis.

Em Nova Petrópolis o imigrante e seus descendentes procriaram produzindo um excedente populacional, desde a primeira geração, sendo parcela deste excedente induzida a desbravar novas fronteiras agrícolas, utilizando a mesma técnica de derrubada e queimada no Rio Grande do Sul, avançando rumo noroeste pelos estados de Santa Catarina e Paraná, posteriormente para a região Centro Oeste e Norte do Brasil.

A partir da década de 1940, outra parcela do excedente populacional migrou para Porto Alegre ou para cidades próximas, depois para Caxias do Sul, participando como mão de obra no processo de industrialização no RS.

Mas a Colônia de Nova Petrópolis por mais de século, de 1858 a 1958, manteve a base econômica agrícola com sua população vivendo em maioria no rural. Sendo que em 1970 aproximadamente  $\frac{3}{4}$  da população continuava morando neste lugar, mas as transformações nas últimas décadas foram bruscas. Tanto que em 2010 a situação estava invertida, isto é,  $\frac{3}{4}$  da população do Município reside na zona urbana.

Na década de 1970 com o início das atividades da Cooperativa Agropecuária Petrópolis Ltda., entrada das indústrias de calçados e da ampliação do quadro funcional do curtume criou-se a oportunidade para o filho do agricultor, permitindo que parcela opta-se em se empregar nas indústrias e depois sair do rural, indo morar nos núcleos urbanos. Mas o rural de Nova Petrópolis, segundo uma análise produtivista, alcançou um de seus apogeus de produção na década de 1980, como comprovam os dados levantados por técnicos da EMATER na época. Mas esta produção não se manteve, portanto a perspectiva criada com a Revolução Verde através da introdução do pacote tecnológico não superou duas décadas.

Porém, o êxodo rural e a mecanização da lavoura trouxeram mudanças no rural de Nova Petrópolis e entorno. Uma delas podemos considerar extremamente positiva, o

ressurgimento da Mata Atlântica na Encosta da Serra, algo quase impossível de imaginar na década de 1970. Foi permitido a Mata Atlântica reconquistar seu espaço do qual não deveria ter sido afastada/derrubada.

O problema tamanho da propriedade, isto é, a pequena propriedade, já era pauta do debate em 1945 como aponta relatório de Egydio Michaelsen, sendo considerado motivo da não modernização da prática agrícola em Nova Petrópolis pelo jornal A Hora em 1958. E foi considerada por Jean Roche (1969) a segunda causa da migração na colônia alemã no RS. E este quadro não se alterou conforme o Censo do IBGE de 2006. Portanto a análise histórica da pequena propriedade colonial em Nova Petrópolis nos permite afirmar que esta foi utilizada como grande fornecedora de mão de obra além de produtora de alimentos para o mercado interno a baixo custo.

No estudo realizado por Roche aponta como principal causa da migração na terra povoada por imigrantes alemães no Rio Grande do Sul a média de filhos por casal, que chegava a dez. A taxa de fecundidade em Nova Petrópolis, conforme o Censo do IBGE de 2010 é de 1,5 filhos por mulher (IBGE).

Conforme os dados levantados nas entrevistas com os produtores rurais e os ex-secretários existem muita precariedade no rural de Nova Petrópolis e entorno com relação ao fornecimento dos serviços de energia elétrica, telefonia, água, transporte, estradas, educação e saúde pública. Cabe a pergunta: *Quem em pleno século XXI quer estar sujeito a viver e produzir num território tão mal assistido?*

Portanto, abre-se espaço no rural do Município de Nova Petrópolis para a entrada do ex-urbano desenvolver um Novo Rural conforme Rangel (2004), na condição de aposentado ou prestes a se aposentar e ou de empreendedor rural. Mas os relatos demonstram a dificuldade enfrentada pelo ex-urbano em residir e produzir na pequena propriedade rural. Sendo que o ex-urbano, dentro desse Novo Rural, geralmente leva vantagem sobre o agricultor tradicional, pois ele vem focado com um projeto pré-concebido, capital ou meios de conseguir, nível de escolaridade superior, conhecimento de mercado e comercialização e não depender da renda da atividade rural para viver. Muito diferente do perfil da maioria dos produtores rurais do Município que estão enquadrados como de agricultura familiar (93,76%).

Em relação a principal atividade desenvolvida na propriedade agrícola o ex-urbano busca nichos de mercado muito diferenciado da principal atividade desenvolvida pela agricultura familiar no Município.

O vínculo com o rural, a motivação para retornar para o meio rural e desenvolver uma atividade agrícola está diretamente relacionado ao passado desse migrante do urbano, isto é, foi o fato de ter nascido no rural que o levou a retornar ao rural.

A atividade agrícola realizada na propriedade do ex-urbano dentro do Novo Rural em sua maioria das vezes traz questionamento no entorno, isto é, os produtores rurais vizinhos começam a se questionar sobre a viabilidade ou não, se tem futuro ou não criar cabrito para vender genética, produzir rosas para extrair óleo e trazer gente para ver a produção, confinar gado sem ter pastagem para alimentá-lo e produzir alimentos sem uso de agrotóxicos, máquinas, adubo químico e ainda mais com as plantas no meio das árvores.

Não se tem como dimensionar se as atividades realizadas por estes quatro produtores rurais traz desenvolvimento para o meio rural do Município de Nova Petrópolis dentro dos dados da concepção produtivista, mas pode-se afirmar que provoca mudanças no pensar do agricultor familiar. Para isso há uma afirmação de um agricultor vizinho da propriedade onde realizei estágio, de um ex-urbano: “Este senhor está produzindo coisa mais linda, vai ver as pastagens, falta conhecimento para nós, os colonos tiveram que abandonar a terra para não morrer de fome, e ele está recuperando tudo, com uma terra que estava morta ele está produzindo”.

A perspectiva para o futuro agrícola do rural de Nova Petrópolis na atual conjuntura depende mais de fatores externos a propriedade do que da força de trabalho do agricultor e sua família. A pluriatividade permite uma melhor sobrevivência na propriedade, mas não um ganho de capital para transformá-la.

Como alternativa vejo a necessidade da agricultura se associar a rede gastronômica do município e entorno, juntos buscar identidade para conquistar um diferencial no mercado de turismo em crescimento na “Serra Gaúcha”, isto é criar um turismo gastronômico com identidade e produção local. Seguir a mesma filosofia aplicada na propriedade do agro turismo. Criar uma cadeia produtiva visando a indústria do turismo.

## REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

DEPPE, Gessy et al. (Org.). Contribuição para a história de Nova Petrópolis. Nova Petrópolis: Educs, 1988. 344 p.

PAZ, Ivoni Nör et al. (Org.). Evolução Política e Econômica de Nova Petrópolis: Contribuição para a história de Nova Petrópolis. Nova Petrópolis: Corag, 2006. 382 p.

SCHMITZ, Pe. Arsênio José. Uma nova imagem para Nova Petrópolis: Estudo sobre a imigração e a aculturação. Nova Petrópolis: Tipografia Della Pontificia Università Gregoriana In Roma, 1975. 180 p.

ROCHE, Jean. A colonização alemã e o Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Globo S. A., 1969. 2 v.

CONTERATO, Marcelo A. et al. (Org.). Teorias do Desenvolvimento. Porto Alegre: UFRGS, 2009. 55p.

SCHNEIDER, Sergio et al. (Org.). A Diversidade da Agricultura Familiar. Porto Alegre: UFRGS, 2009. 300p.

GERHARDT, Tatiana E. et al. (Org.). Métodos de Pesquisa. Porto Alegre: UFRGS, 2009. 114p.

GEHLEN, Ivaldo et al. (Org.). Organização Social e Movimentos Sociais Rurais. Porto Alegre: UFRGS, 2009. 93p.

PAZ, Ivoni Nör. Nova Petrópolis: da submissão à rebeldia (1858-1937). Caxias do Sul: UCS, 1998. 182 p.

GIDDENS, Anthony. Sociologia. Porto Alegre: Ed. Artmed, 2004. 743 p.

ALBUQUERQUE, Francisco J. B. Psicologia social e formas de vida rural no Brasil. I Congresso Norte Nordeste de Psicologia. Salvador: Disponível em: [www.scielo.br/pdf/ptp/v18n1/a05v18n1.pdf](http://www.scielo.br/pdf/ptp/v18n1/a05v18n1.pdf)

RANGEL, Ignácio. Questão agrária, industrialização e crise urbana no Brasil. Porto Alegre: UFRGS, 2004. 266 p.

WITTMANN, Milton L. et al. (Org.). Desenvolvimento regional: capital social, redes e planejamento. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004. 215 p.

MIGUEL, Lovois de Andrade. et al. (Org.). Dinâmica e Diferenciação de Sistemas Agrários. Porto Alegre: UFRGS, 2009. 147 p.

HASSE, Geraldo. O Brasil da soja: abrindo fronteiras, semeando cidades: Porto Alegre: L&PM, 1996. 258 p.

LUDKE, Jorge. Secretário da Agricultura. Informação sobre a produção agrícola do município de Nova Petrópolis. Março 2012 (Informação Oral).

BRANDT, Carlos R. Agrimensor. Março 2010 (Informação Oral).

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em jun. 2013.

BRASIL. Lei n.º 11.326, de 24 de julho de 2006. Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Disponível em: <[http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw\\_Identificacao/lei%2011.326-2006?OpenDocument](http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/lei%2011.326-2006?OpenDocument)> Acesso em: jun. 2013.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). Secretaria da Agricultura Familiar. Programas/PRONAF. Brasília: MDA/SAF, 2013. Disponível em: <<http://www.mda.gov.br/portal/saf/programas/pronaf>> Acesso em: jun. 2013.

Federação das Associações de Municípios do Rio Grande do Sul - FAMURS. Disponível em: <<http://www.famurs.com.br>>. Acesso em: jun. 2013.

Associação Comercial e Industrial de Nova Petrópolis – ACINP. Disponível em: <<http://www.acinpserragaucha.com.br>>. Acesso em: jun. 2013.

MARINI, Everaldo. Nucleação de comunidades escolares tradicionais no município de Nova Petrópolis: perspectivas interculturais no processo de escolarização. Canoas, 2010. Disponível em: [www.unilasalle.edu.br/canoas/assets/upload/Everaldo.pdf](http://www.unilasalle.edu.br/canoas/assets/upload/Everaldo.pdf)

#### Carta do Índio Chefe Seattle

[www.defensoria.sp.gov.br/.../A%20Carta%20do%20Índio%20Chefe%20...](http://www.defensoria.sp.gov.br/.../A%20Carta%20do%20Índio%20Chefe%20...)  
A Carta do Índio Chefe Seattle, "Manifesto da Terra-Mãe", de 1854:

## APÊNDICES

### APENDICE A

Questionário utilizado para entrevistar moradores rurais que retornaram ao rural e optaram pelo rural do município de Nova Petrópolis ou entorno.

- 1) Data da entrevista:.....
- 2) Entrevistador:.....
- 3) Tempo de duração da entrevista: .....
- 4) Entrevistado:.....
- 5) Origem familiar (descendência):.....
- 6) Vínculo com a propriedade: .....
- 7) Escolaridade: ( ) Ensino Fundamental ( ) Médio ( ) Superior. 8) Qual?.....
- 9) Profissão:.....
- 10) Localização: .....
- 11) Tamanho da propriedade:.....
- 12) Distância do centro de Nova Petrópolis.....
- 13) A propriedade se enquadra como “Agricultura Familiar”? Sim ( ) Não ( ). 14) Por que?
- 15) Reside na propriedade? Sim ( ) Não ( ), se sim..16) Nº de pessoas: .....
- 17) Qual a motivação pela escolha da propriedade rural?
- 18) Como adquiriram a propriedade rural?
- 19) Há quanto tempo (anos)?
- 20) Você já teve/tinha algum vínculo com o rural? Sim ( ) Não ( ), se sim..21) Como, a quanto tempo?
- 22) Existe fonte de renda de fora da propriedade? Sim ( ) Não ( ).
- 23) Existe atividade econômica na propriedade? Sim ( ) Não ( ). 24) Por que?
- 25) Quais as principais atividades exercidas na propriedade?

26) Em relação a(s) atividade(s) exercida(s) na propriedade ocorreu investimento financeiro em infraestrutura, equipamento e outros? Sim ( ) Não ( ). 27) Por que?

28) Ocorreu, ocorre financiamento via instituições financeiras para promover a atividade (capital de giro, investimento em equipamento e infraestrutura)? Sim ( ) Não ( ).

29) Como você vê sua propriedade em relação as técnicas de manejo e produção utilizadas?

30) Como você vê a sua propriedade em relação aos equipamentos e máquinas utilizadas?

31) A propriedade é auto sustentável economicamente? Sim ( ) Não ( ). 32) Há quanto tempo?

33) Como você considera a infra estrutura (energia elétrica, água, telefone, internet, estrada) da localidade onde está situada a propriedade?( ) Ótima ( ) Muito boa ( ) Boa ( ) Regular ( ) Ruim ( ) Outras.....34) Por que?

35) Em relação a assistência saúde? ( ) Ótima ( ) Muito boa ( ) Boa ( ) Regular ( ) Ruim ( ) Outras.....36) Por que?

37) Em relação a educação? ( ) Ótima ( ) Muito boa ( ) Boa ( ) Regular ( ) Ruim ( ) Outras.....38) Por que?

39) Em relação a assistência técnica para o produtor rural?( ) Ótima ( ) Muito boa ( ) Boa ( ) Regular ( ) Ruim ( ) Outras.....40) Por que?

41) No passado quais as motivações que levaram você a sair do rural?

42) Qual foram as motivações que levaram você a voltar para o rural?

43) Na sua opinião o que leva uma pessoa a sair do rural hoje?

44) Olhando para o futuro. Como você trabalha a continuidade, sucessão, na atividade da propriedade rural.

45) Você tem alguma colocação que gostaria de fazer.

Muito obrigado!!!!

**APÊNDICE B**

Questionário utilizado para entrevistar os Ex-Secretários da Agricultura dos municípios de Nova Petrópolis, Picada Café e Dois Irmãos.

- 1) Data da entrevista:.....
- 2) Entrevistador:.....
- 3) Entrevistado:.....
- 4) Origem familiar (descendência). .....
- 5) Município pelo qual atuou como Secretário da Agricultura?.....
- 6) Município onde reside?.....
- 7) Período de atuação como Secretário da Agricultura?.....
- 8) Grau de Escolaridade: ( ) Ensino Fundamental ( ) Médio ( ) Superior
- 9) Se superior. Qual?.....
- 10) Profissão?.....
- 11) Atividade que exerce hoje?.....
- 12) No período que você atuou como Secretário da Agricultura qual foram os maiores desafios enfrentados em relação a agricultura?
- 13) Na sua avaliação como estão assistidos os produtores rurais em relação a infraestrutura (energia elétrica, água, telefone, internet, estrada) no município?
- 14) Como está a situação da agricultura em relação a técnica agrícola e manejo utilizadas pelos produtores no município?
- 15) Como está a situação da agricultura em relação a máquinas e equipamentos utilizados pelos produtores no município?
- 16) Como está a situação da agricultura em relação a comercialização da produção dos produtores do município?
- 17) Como está a situação da agricultura em relação a assistência técnica oferecida ao agricultor no município?
- 18) Durante o período que você trabalhou como secretário ocorreu esvaziamento do rural ( migração) no município? ( ) Sim ( ) Não.
- 19) Por que?
- 20) Como está a situação da agricultura em relação a assistência em saúde pública recebida pelo produtor rural?

- 21) Na sua opinião, que motivação leva a pessoa a sair do rural?
- 22) Você conhece pessoas que saíram da cidade e estão exercendo atividade agrícola no rural? ( ) Sim ( ) Não.
- 23) Qual é a sua opinião em relação as pessoas que saíram da cidade e estão exercendo atividade no rural?
- 24) Na sua opinião o que deve ser realizado para que o filho do agricultor permaneça na atividade rural?
- 25) Na sua opinião como está o acesso ao ensino fundamental do filho do agricultor, e ao ensino médio, e ao ensino superior?
- 26) Quais as motivações que levam um morador urbano a abandonar a cidade e se dedicar a atividade agrícola?
- 27) Quais as perspectivas para o agricultura no município?
- 28) Você tem alguma colocação que gostaria de fazer?

Muito obrigado!!!!!!!!!!!!!!